

N.º 6

Antonio Augusto Pereira Cardoso

N.º 722

ALCOOLISMO

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA À

ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO



PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
Rua do Bomjardim, 181

1892

66/6 ENC

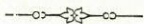
ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR O ILL.mo E EX.mo SR.

VISCONDE DE OLIVEIRA

SECRETARIO O ILL.mo E EX.mo SR.

RICARDO D'ALMEIDA JORGE



CORPO CATHEDRATICO

LENTES CATHEDRATICOS

OS ILL.mos E EX.mos SRS.

- | | |
|--|---------------------------------|
| 1. ^a Cadeira — Anatomia descriptiva e geral | João Pereira Dias Lebre. |
| 2. ^a Cadeira — Physiologia | Vicente Urbino de Freitas. |
| 3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos e materia medica | Dr. José Carlos Lopes. |
| 4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa | Antonio J. de Moraes Caldas. |
| 5. ^a Cadeira — Medicina operatoria | Pedro Augusto Dias. |
| 6. ^a Cadeira — Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos | Dr. Agostinho A. do Souto. |
| 7. ^a Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna | Antonio d'Oliveira Monteiro. |
| 8. ^a Cadeira — Clinica medica | Antonio d'Azevedo Maia. |
| 9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica | Eduardo Pereira Pimenta. |
| 10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica | Augusto H. Almeida Brandão. |
| 11. ^a Cadeira — Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia | Manoel Rodrigues Silva Pinto. |
| 12. ^a Cadeira — Pathologia geral, semiologia e historia medica | Illidio Ayres Pereira do Valle. |
| Pharmacia | Vago. |

LENTES JUBILADOS

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| Secção medica | José d'Andrade Gramaxo. |
| Secção cirurgica | Visconde de Oliveira. |

LENTES SUBSTITUTOS

- | | |
|----------------------------|--------------------------------|
| Secção medica | { Antonio Placido da Costa. |
| | { Maximiano A. Lemos Junior. |
| Secção cirurgica | { Ricardo d'Almeida Jorge. |
| | { Candido Augusto C. de Pinho. |

LENTE DEMONSTRADOR

- | | |
|----------------------------|------------------------------|
| Secção cirurgica | Roberto B. do Rosario Frias. |
|----------------------------|------------------------------|

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(*Regulamento da Escola* de 23 d'abril de 1840, art.º 155.º)

Á MEMORIA DE MINHA QUERIDA MÃE

A MEU PAE

A MINHAS IRMÃS

A MEUS CUNHADOS E A MEUS SOBRINHOS

A MEU PRIMO

MANOEL PEREIRA CARDOSO

AOS MEUS EX.^{mos} AMIGOS

Dr. Antonio Carlos de Magalhães Mendonça Pimentel

Accacio Ferreira Borges Pinto da Silveira

Dr. Antonio Alves Martins

Annibal Gomes Soeiro

P.^e Antonio Augusto Pinto de Carvalho

P.^e Antonio Carlos Pires dos Santos

Anselmo Evaristo de Moraes Sarmiento

Dr. Eduardo Pires de Lima

João Ferreira Teixeira

Joaquim José Cardoso de Menezes

Rodrigo Antonio Cerqueira

ÀS MINHAS EX.^{AS} COLLEGAS

D. Aurelia de Moraes Sarmiento
D. Laurinda de Moraes Sarmiento

AOS MEUS CONTEMPORANEOS E AMIGOS

Dr. Abilio da Silva Carvalho
Dr. Antonio Joaquim de Figueiredo
Arthur de Magalhães Pinto Ribeiro
Dr. José Augusto Ferreira Machado
Dr. José Teixeira de Sousa
José Correia Pinto da Fonseca
Dr. Zeferino Martins da Silva Borges

AOS MEUS CONDISCIPULOS

E EM ESPECIAL

Adolpho Maria Barbosa
Antonio Augusto de Castro Soares
Jorge Vieira
João Antunes Leite
Manoel José Aguiar

AO CORPO DOCENTE

DA

ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

AO MEU PRESIDENTE

O EX.^{mo} SR.

Dr. Augusto Henrique d'Almeida Brandão

O alcoolismo é uma doença que faz annualmente maior numero de victimas que todas essas epidemias que mais ou menos assaltam a humanidade.

Estudar as lesões variadas a que dá origem, poder d'algum modo concorrer para roubar algumas victimas ao terrivel flagello, foram as razões que imperaram em nós ao escolhermos este assumpto. Declaremos que nos sahio mais basto que a principio imaginamos, e se não fôra o desejo imperioso de possuirmos o mais breve possivel o diploma cuja consecução foi sempre o supremo anhelos da nossa juventude, de certo que de outro lançaríamos mão.

Que o illustrado jury considere este trabalho como o nossa ultima licção official e que leve em conta a boa vontade que nos animava ao escrevel-a, querendo apresentar trabalho digno de quem o ha de julgar.

CAPITULO I

Historia do alcool e do alcoolismo

O alcool é o principio activo das bebidas fermentadas, e, é de notar, ao passo que estas são conhecidas desde os tempos mais remotos, a descoberta do alcool data d'uma época relativamente recente.

Com effeito, desde tempos immemoriaes que a humanidade faz uso do vinho, emquanto que só do seculo XII em diante, é que se sabe que as propriedades excitantes e enebriantes que elle contém, são devidas a um principio chamado alcool.

É certo que os Romanos já dão a perceber, ainda que vagamente, que no succo da uva existe *um espirito subtil*, e que os antigos tinham já conhecimento da distillação, mas applicando-a sómente para produzir aguas de cheiro, extrahidas de flores e plantas aromaticas. Recordemos que Hippocrates, Galeno e

Plinio se referem por mais de uma vez á distillação, comtudo, notemos tambem que nenhuma referencia fazem da sua applicação ao vinho, acontecendo o mesmo com os auctores arabes do III e IV seculo.

A descripção do alambique vamos encontrar-a feita pelo medico e philosopho arabe Avicenne, que viveu em 980, mas, contrariamente ao que se tem asseverado, não falla do alcool em nenhum dos seus trabalhos.

Determinar com precisão a época da descoberta do alcool tem sido trabalho improficuo até hoje, e é de crêr que investigadores futuros não sejam mais felizes. Tentou-se vêr se pela etymologia da palavra alcool alguma luz se podia lançar sobre a questão; infelizmente isso nada veio esclarecer, todavia, é certo que esta palavra é oriunda do arabe, sendo todos os auctores concordes em que a primeira syllaba é o artigo, discordando em relação á segunda, porquanto uns dão-lhe o sentido de pó fino e outros o de alguma coisa que queima.

Littré sappõe que a palavra provém de duas raizes dissimilhantes, mas que exprimiam no seu principio, como acontece muitas vezes em toda a lingua, duas coisas muito differentes. Encontra-se em Ambroise Paré a palavra empregada no sentido que não é usual entre nós: «Collyrio, diz elle, é um medicamento apropriado aos olhos, feito de medicamentos subtilmente pulverisados, que os arabes dizem como alcool».

Hofer, na sua *Historia da Chimica*, diz que esta substancia era já conhecida dos Chaldeus, pois que, na sua lingua, a palavra alcool significa «alguma coisa que queima».

Morehead crê que foram os chinezes os que primeiro prepararam o alcool; mas seja como fôr no meio d'esta diversidade d'opiniões, é accete geralmente que foram os alchimistas arabes que primeiro obtiveram o alcool pela distillação. Já no seculo XIII Arnould de Villeneuve, professor da Universidade de Montpellier, falla do alcool, dizendo que «do vinho póde extrahir-se por meio de processos chimicos, um liquido que não tem a cor do vinho, nem os seus effeitos ordinarios».

Esta agua de vinho, acrescenta elle, é chamada por alguns agua da vida, convindo-lhe este nome por ser uma verdadeira agua de *immortalidade*. Em seguida Villeneuve descreve as propriedades therapeuticas d'esta substancia, e fallecendo em 1313 deixou a Raymond Lulle, seu discipulo, o segredo de preparal-a e, é certo que só d'elle em diante, é que começou a dar-se o nome d'alcool ao espirito de vinho concentrado, que elle conseguiu rectificar por meio do carbonato de potassa.

A preparação d'esta substancia foi durante muitos annos feita exclusivamente pelos pharmaceuticos, de modo que o seu uso pouco se generalisou até que em 1678 sendo-lhes retirado o monopolio e deixando de ser um medicamento, em breve começou a ser usada como

bebida, propagando-se o seu uso a todas as classes da sociedade e começando desde logo a manifestar os seus effeitos funestos. Começa então o apparecimento de desordens variadissimas resultantes do abuso das bebidas alcoholicas, mas é preciso chegar a 1852 para Magnus Hüß agrupar e descrever estas variadas perturbações formando uma doença geral o *alcoholismo*. Mas já antigamente se encontram vestigios da existencia d'esta doença. Promachos recebe d'Alexandre uma corôa d'ouro por ter bebido quatro taças de vinho, proeza que lhe causou a morte dentro em tres dias! Androcydes, para corrigir o mesmo Alexandre, o Grande, da sua intemperança, advertiu-o que quando bebesse vinho, se lembrasse de que bebia o *sangue da terra* e por isso não tardaria a ver vermelho.

Pouco tempo depois, com effeito, o real borrachão matava Clito, seu intimo amigo e estrangulava o philosopho Callistênes, que se recusava a prostar-se diante d'elle.

Novellio Torcato conquista o consulado e o favor de Tiberio, bebendo diante d'este, tres cangirões de Falerno, nove litros e meio; mas estes factos não devem ser considerados senão como verdadeiros casos de embriaguez.

O alcoholismo verdadeiro data na realidade do tempo do primeiro distillador, Arnault de Villeneuve, medico de Pedro III, de Aragão, pois que Guy-Patin no seculo XVII, já definia a aguardente, *agua da morte*; dizendo que só

fazia viver aquelles que o vendiam, matando os que o bebiam.

Reconheceu-se toda a verdade d'esta apreciação no fim do seculo seguinte na America, quando a favor das guerras da independencia o alcool foi espalhado por toda a parte, dando causa n'estes novos paizes ás doenças mais graves, semeando a miseria material e moral e abastardando a raça norte-americana, bella e forte até então.

O alcoolismo, no dizer de Bouchardat, paralyza por toda a parte e sempre, a marcha ascendente da humanidade, conduz fatalmente á substituição das raças que se degradam, pelas raças virgens de degeneração physica e intellectual. É esta a opinião de Laucereaux que diz ser hoje o *veneno ethnico* mais espalhado.

O alcoolismo existe muito menos nos paizes viniculos, onde os alcooes são consumidos em menor quantidade, como na Italia, Hespanha e Portugal. A Suecia e Noruega são os paizes que na Europa mais alcool consomem, sendo certo que na França, Belgica e Allemanha, o consumo do alcool está attingindo uma cifra assustadora. Póde avaliar-se que o consumo, n'aquelles paizes, é d'uma média de cem litros d'aguardente por anno e por adulto. Foi tambem n'um d'estes paizes que se encetaram os primeiros estudos sobre o alcoolismo, sendo Magnus Hüß o innovador da palavra alcoolismo, como acima referimos. A Inglaterra occupa tambem um dos primeiros logares na serie das

nações assoladas por este terrível mal, onde morrem annualmente, cerca de cincoenta mil pessoas victimadas pelo gin, das quaes mil e duzentas são mulheres.

A parte mais alcoolica da Grã-Bretanha é sem duvida a Irlanda, que possui, além d'isso, o curioso monopolio dos bebedores d'ether. Na Allemanha fabricam-se annualmente duzentos milhões de litros d'alcool; mas o alcoolismo apenas se faz sentir com intensidade nas regiões do paiz não vinhateiras, onde o numero das victimas attinge cerca de quarenta mil por anno. Em quanto á Russia, continua sendo o que dizia Balzac: «uma autocracia sustentada pelo alcool.» Na Dinamarca, a situação não é menos deploravel, pois que o consumo annual é de sessenta e sete litros d'aguardente por habitante com mais de vinte annos de idade! Na Belgica, consome-se annualmente mais de sessenta milhões de litros d'estes alcooes de cereaes, tão toxicos, como a genebra ainda falsificada pela addição de pimenta, gengibre, alumen, acido sulfurico, etc. É um veneno que, segundo Crocq, produz sobre o organismo «lesões mais intensas, mais multiplas, mais terribes que o phosphoro e o arsenico.» Na Suissa, só no cantão de Berne, existem seiscentas e setenta fabricas de distillação, que produzem annualmente dois milhões seiscentos e noventa e cinco mil litros de bebidas espirituosas; acrescentando ainda que ha uma importação de cerca de um milhão de litros. Genova conta uma

taberna para oitenta habitantes. A temperança tinha aqui um meio proprio para prégear a sua doutrina!

O bispo de Saint-Paul-Minnesoto (United-States) dizia ha pouco tempo, do alto da sua cathedra, que a somma gasta em quatro annos na Grã-Bretanha, em bebidas alcoolicas, bastaria para comprar todos os caminhos de ferro do paiz, e em seis annos para pagar a divida nacional. Os Estados-Unidos, terra classica do alcool, e que já no ultimo seculo, Alembert definia «o paiz onde sempre ha sede» não tem debaixo d'este ponto de vista, nada que invejar á Inglaterra, onde o clima explica, de resto, um certo ponto, os abusos do whisky.

Os europeus mais sobrios são os italianos, os gregos, os hespanhoses e os portuguezes. Entre nós ainda é vulgar, felizmente, considerar-se a bebedeira como o mais vergonhoso de todos os vicios e o cancro da civilisação. Não é, com effeito, o alcoolismo o ideal supremo dos selvagens?

Na Africa e na Abyssinia o gentio embebeda-se com vinho de palmeira e cerveja de milho miudo.

Os selvagens da Oceania, os taitianos, os fidjianos, são os homens mais alcoolicos do mundo. A nomenclatura das innumeraveis bebidas exoticas, seria por si só sufficiente para encher um volume! Citemos sómente o *toc*, de Madagascar, especie de vinho de banana; o *pombé*, cerveja de milho; o *vinho de coco*, das

Philippinas; o *Chong*, de Thibet; etc., etc. O alcool é a divindade universal e sordida de todas as nações humanas.

A resistencia dos individuos para o alcool é muito variavel, segundo a sua energia de nutrição e força plastica. Assim é que a raça anglo-saxonica é, evidentemente, mais resistente que a nossa.

Nos paizes do Norte devemos attribuir como causa primordial do alcoolismo o frio humido e as deficiencias d'alimentação.

Na Inglaterra, o flagello não respeita sequer a mulher, pois que, em 1876, a unica prisão de Westminster recebeu cinco mil quinhentas e oitenta e oito mulheres condemnadas por terem sido encontradas no estado d'embriaguez!

O alcoolismo europeu não se limita simplesmente a fazer as suas victimas nas cidades. Estende-se tambem a sua acção devastadora pelas aldeias. Segundo a opinião do professor Layet, em França sessenta por cento dos criminosos camponeses são alcoolicos e entre nós a percentagem deve ser quasi a mesma. Esta percentagem tem augmentado consideravelmente nos ultimos annos, concorrendo para isso muitissimo o augmento extraordinario das tabernas.

As festas religiosas, as feiras, os mercados, tão multiplicados apparecem como causas determinantes da expansão do mal, e o sociologista não deve desconhecel-as. No campo os contratos quasi todos são realizados nas taber-

nas. Nas nossas aldeias está inveterado o habito nas classes operarias de, logo de manhã, ingerirem uma pequena porção de aguardente a que chamam *matar o bicho*, habito este que acarreta varias alterações dispepticas pela ingestão d'esta substancia ser em jejum.

O alcool, devemos dizel-o, na sua qualidade de veneno da intelligencia, é a grande miseria das aldeias, cidades e principalmente das industrias.

A ignorancia é o melhor adjuvante do alcoolismo; é ella que na Belgica impelle as amas de leite a misturarem leite com cerveja suppondo nutrirem assim melhor os seus pupillos. É a propria ignorancia que põe na bocca da maior parte dos paes as seguintes palavras, fallando dos seus filhinhos: «Já está um homem, bebe tanto vinho como eu!»

Em Vienna d'Austria e Londres os paes fazem beber tanta aguardente aos filhos, que chegam ás escólas, por vezes, estonteados pela bebedeira. Os medicos talvez possam ser increpados como causadores da propagação do gosto pelo alcool. Sem nos remontarmos até Hippocrate, que aconselhava aos seus clientes embriagarem-se uma vez por mez, a medicina moderna prescreve o alcool, como tonico, em muitas doenças, e o vinho, muitas vezes em altas doses, como reconstituente e antianemico.

O alcool está nos nossos costumes. O calix faz parte da polidez obrigatoria. Os ricos teem as suas frasqueiras e adegas attestadas de vi-

nhos velhos. Os pobres organisam as suas recepções na taberna vizinha, em toda a parte sala de visitas do operário.

Comprehende-se, assim, a indulgencia que todos dispensam perante um bebedor, e as razões que cada um encontra em favor do alcool.

Toda a bebida alcoolica fornece, ao cerebro, um certo grau de excitação que torna o espirito mais vivo e lhe confere, segundo a expressão de Bergeron, «*une disposition à voir toute chose par le meilleur côté.*» É por esta sensação do primeiro grau de embriaguez que o homem se entrega á bebedeira e se deixa arrastar, pouco a pouco, ao alcoolismo.

Como acabamos de ver, o alcoolismo é quasi universalmente espalhado por toda a terra; e encontra-se egualmente espalhado por todas as classes sociaes.

A classe militar é a que mais consumo faz de alcool em quasi todos os paizes. É na zona torrida principalmente que se habituam a beber licores fortes com o fim de estimular a nutrição entorpecida pelo clima. O soldado contrae, pelo abuso das bebidas que chama *aperitivos*, dyspepsias graves e congestões rebeldes do figado; são realmente verdadeiros *aperitivos*, porque *abrem a porta* ás complicações mortaes do impudismo e dysenteria!...

Charles Napier ha muito tempo que tem feito conhecer aos inglezes que o habito do alcool na India predispõe os soldados á insolação, ás meningites, ao cholera, etc. Foi por isso que o

general Wolseley substituiu pelo chá o whisky do corpo expedicionario, durante a ultima campanha do Sudão. Foi por essa mesma razão que o general Courcy prohibiu o absintho ao exercito francez na campanha do Tonkin.

O exercito inglez, levando comsigo o terrivel habito do amyilismo septentrional, tornou-se o mais energico agente de disseminação do alcoolismo que, generalisado assim na India, vae acabando com os infelizes indigenas que iam resistindo ao opio e á fome! Depois do exercito inglez e sueco, o exercito francez é o mais alcoolico; os exercitos italiano, hespanhol e portuguez são os que dão menor tributo ao flagello.

O alcoolismo na mulher é, felizmente, raro entre nós, e na maior parte dos paizes, excepto em Londres, onde se encontram nos hospitaes, frequentemente, casos de paralyisia e ataxia nas mulheres alcoolicas, sendo este facto uma das chagas mais sangrentas d'esta grande cidade. N'estes hospitaes tambem é frequente encontrarem-se mulheres alcoolicas, tendo perdido completamente o uso de vista, do gosto e do olfacto!

O *delirium tremens* encontra-se raras vezes, sendo mais frequentes as paralyisias, o que é devido certamente á vida sedentaria da mulher e ao abuso dos alcooes com essencias.

Um eminente observador, Lancereaux, insistiu sobre uma particularidade clinica, quasi constante, do alcoolismo feminino.

As declarações confirmativas feitas ao medico são sempre muito raras. A mulher, interrogada, nega sempre qualquer excesso anterior. Revolta-se perante as nossas perguntas; jura ser um modelo de sobriedade; affirma, com accentos de pudor sincero e, por vezes, derramando copiosas lagrimas (*emoção alcoolica*,) que está sendo victima do mais odioso desprezo.

Esta attitude mentirosa explica-se muitas vezes pela perda de memoria e pela inconsciencia, que são, uma e outra, muito precoces no alcoolismo feminino.

Esta intoxicacão é, muitas vezes, associada ao hystericismo, e sabe-se o quanto as hystericas apresentam uma irresistivel tendencia para a mentira.

O alcool exerce sobre o cerebro tão delicado da creança uma acção mais perniciosa ainda. Quantas suppostas epilepsias, insomnias, danças de Saint-Guy, terrores nocturnos, etc., são motivadas, nas creanças, pelo abuso das bebidas alcoolicas! Nenhuma d'estas odiosas bebidas deve entrar no quadro alimenticio das creanças que, até aos oito annos, não deviam senão beber agua córada com vinho. O vinho puro e o alcool são, na creança, agentes energicos, verdadeiramente medicamentosos, e que a hygiene deve banir do regimen normal, nas creanças robustas.

A mulher tem uma evidente predilecção para os vinhos e licores assucarados e, no campo,

é a aguardente que vae supprir a ração alimentar da camponesa economica e avara.

O alcoolismo alimenta a prostituição e propaga a syphilis. Na puberdade produz a menstruação precoce e dolorosa, desenvolve a depravação genital e o onanismo. Na mãe, o leite torna-se prejudicial ao recém-nascido, ao que a natureza quiz frequentemente obstar, produzindo nas alcoolicas o aborto. Finalmente, se é verdade que a embriaguez na mulher é muitas vezes a causa do adulterio, é tambem incontestavel que os desejos amorosos desaparecem (por vezes antes dos trinta annos) na mulher alcoolisada; então o adulterio do marido é a consequencia da atonia genital da esposa.

CAPITULO II

Acção physiologica e therapeutica do alcool

Depois de termos assim exposta, tão breve quanto possível, a historia do alcool e alcoolismo, parece-nos, que devemos tratar agora da acção que o alcool exerce sobre o organismo, principiando pela sua acção physiologica e therapeutica.

Acção physiologica. — Outr'ora o alcool era classificado entre os excitantes, pela sua acção sobre o systema nervoso em virtude do seu contacto com os elementos anatomicos d'este systema. Mas esta acção excitante é passageira e não póde servir de base a uma classificação.

Vamos vêr que o alcool tem uma acção importante sobre a nutrição, e que, por este motivo é agente anti-desperdiçador.

Fleury distingue os effeitos do alcool segundo as quantidades absorvidas e a maior ou menor concentração das doses. Estuda tam-

bem essencialmente a acção physiologica do alcool, que colloca debaixo d'este ponto de vista entre os estimulantes geraes, e em segundo lugar as suas propriedades therapeuticas muito diversas. Sob este ultimo ponto, este auctor apresenta tres indicações principaes:

«1.º Aguardente ou vinho muito diluido em agua; alimento de poupança, ao mesmo tempo agente d'embebição dos tecidos nas pyrexias e agente antiseptico.

«2.º Alcool empregado em doses eguaes á do adjuvante e portanto concentrado, indicado especialmente nas fórmas larvadas e febres ataxo-dynasmicas.

«3.º Alcool puro, quer dizer, muito concentrado, contra a syncope propriamente dita, no *shock* do coração dos inglezes. N'este ultimo caso é só verdadeiramente excitador e estimulante. Em dose média, é fraca e infielmente hypothermico. Muito diluido, é ligeiramente trophico, um verdadeiro tonico por substituição vicariante.»

O mesmo auctor faz tambem do alcool um agente da ordem dos cohibantes (*cohibere*, impedir).

«Les cohibants sont des agents d'épargne qui, soit par une intervention directe sur les mutations biochimiques des liquides nutritifs, soit par une action modératrice de l'innervation qui regit le travail trophique, économisent la dépense, ils retardent ou diminuent la désassimilation.»

Os effeitos do alchool são locaes e geraes.

Effeitos locaes.—O alchool é parasiticide e antiseptico, adstringente, finalmente irritante e caustico para os tecidos com que está em contacto.

Exemplos: A sua passagem no rim é a causa de congestões sexuaes e de degenerações gordurosas. A sua passagem no figado produz périphlebites da veia porta, proliferação do tecido conjuntivo da capsula de Glisson, e, por consequencia, cirrhose e congestão hemorrhagica do órgão. No estomago, se é inferior a 20°, activa a circulação das paredes, accelera a secreção do succo gastrico, facilita a dissolução dos corpos gordos e augmenta as contracções musculares. É, pois, favoravel á digestão. Mas mais concentrado, congestiona o órgão, produz algumas vezes ecchymoses e a secreção do succo gastrico é diminuida. Sabe-se que os bebedores digerem mal, tendo n'elles desaparecido um certo numero de glandulas de pepsina, e estão sujeitos a pituitas matinaes devidas á secreção exagerada das glandulas de mucos.

Effeitos geraes.—*Circulação:* Em pequenas doses, accelera as pulsações e augmenta a sua amplitude, d'onde uma diminuição da tensão vascular e dilatação dos vasos da periphéria.

Em alta dose, a tensão vascular augmenta e as pulsações são retardadas.

As modificações do sangue produzidas pelo alchool são mal conhecidas e a sciencia ainda

não determinou bem a acção d'esta substancia sobre a albumina. Emquanto á sua acção sobre os globulos, parece resultar das experiencias feitas recentemente, tanto na França como na Allemanha, que o alcool altera e perturba as suas funcções.

Está demonstrado hoje que a maior parte do alcool ingerido se transforma em acetatos e, sob esta fórma, ataca os elementos anatomicos, coagula a albumina, lesa a substancia cinzenta cortical, provoca combinações abioticas com o protagon, a lecythina, a nevrina e causa degenerações atheromatosas no dominio da rede arterial.

Respiração. — Em doses moderadas, as inspirações são mais numerosas e mais amplas, o acido carbonico exalado é em menor quantidade; em alta dóse, as inspirações retardam-se do mesmo modo que o coração. Estes phenomenos são devidos em parte á uma alteração directa dos centros respiratorios no bolbo, e em parte ás perturbações da circulação (Nothnagel e Rossbach).

Nutrição. Temperatura. — Está actualmente averiguado que o alcool modera o movimento da nutrição, e está egualmente reconhecido que diminue em geral a eliminação da urèa e abaixa a temperatura. Este abaixamento da temperatura é a consequencia do movimento de desassimilação. Eis aqui como se explica o mecanismo d'esta diminuição d'urèa, d'acido carbonico e temperatura.

Os globulos rubros, vectores do oxygenio, são os agentes directos das oxydações. Estes elementos alterados pelo alcool que se oxyda á sua custa, deixam de exercer completamente as suas funcções. Comprehende-se então como em virtude d'esta acção sobre os globulos, o alcool póde actuar como antithermico e medicamento de poupança.

Tubo digestivo. — Aqui como no estomago o alcool produz uma sensação de calor e activa as secreções.

Em dose moderada favorece a digestão e em dose elevada perturba-a.

A ingestão do alcool augmentando a secreção do acido chlorhydrico do succo gastrico, póde prescrever-se aos individuos que soffrem de dyspepsia por falta de succo gastrico um copo de licôr no fim de cada refeição; mas esta medicação não deverá ser prolongada para se não esgotarem as glandulas de pepsina.

Systema nervoso. — O alcool em dóse moderada, determina uma excitação cerebral e uma diminuição notavel da fadiga intellectual e physica. Em dose elevada, com a embriaguez, as faculdades intellectuaes e motoras são abolidas e a sensibilidade primeiro diminne e depois desaparece.

Esta acção é devida a modificações que se produzem na circulação cerebral e provavelmente tambem a uma acção especial exercida pelo alcool sobre os elementos chimicos da substancia cerebral.

A proposito, devo dizer que o alcool se localisa em certos orgãos; em individuos mortos no estado de embriaguez, tem-se obtido por distillação notaveis quantidades d'alcool do cerebro e do figado.

Tomando para unidade a proporção do alcool encontrado no sangue, eis aqui as quantidades recolhidas nos outros orgãos;

Sangue.....	1,00
Cerebro.....	1,34
Figado.....	1,48
Tecidos.....	Vestigios

Apparelho urinario. — O alcool é um poderoso diuretico, variando os seus effeitos segundo a dose ingerida. «Sob a influencia de 100 centimetros cubicos de aguardente a 36°, a quantidade de urina eliminada é seis a oito vezes maior que sob a influencia de 100 centimetros cubicos d'agua (Rabuteau). D'onde se conclue que os vinhos mais alcoolicos (vinhos brancos) são os mais diureticos.

Acção therapeutica. — O alcool é proprio para remediar os effeitos d'uma alimentação insufficiente, pela acção excitante que tem sobre o systema nervoso e pela sua acção moderadora da nutrição. É principalmente ao obreiro condemnado a um trabalho penoso, ao velho que digere mal e ao convalescente que o alcool é util; para estes ultimos, deve ser empregado em pequena quantidade.

Porei de parte os usos pharmaceuticos d'esta substancia.

Em therapeutica chirurgica, o alcool é principalmente empregado no penso das feridas, na vaginite e em injeccões nas cavidades serosas.

Nas feridas, susta a hemorrhagia dos pequenos vasos coagulando a albumina do sangue, diminue a formação do pús, destroe-lhe as propriedades nocivas e o cheiro, finalmente activa a formação dos gomos carnosos e impede a infecção purulenta.

Emprega-se tambem na vaginite aguda ou chronica e tem dado resultado na cura do hydrocele.

A aguardente camphorada ou alcool camphorado são geralmente empregados no uso externo.

Finalmente tem-se tambem empregado o alcool em collutorios contra certas stomatites, em gargarejos contra certas anginas, na cura da conjunctivite purulenta (Gosselin), e na cura da blennorrhagia.

Em therapeutica medica. — O alcool é muitas vezes empregado.

Devemos notar, primeiro que tudo, que o alcool não produz os mesmos effeitos no doente febril e no que está apyretico, e que além d'isso, os effeitos variam segundo a fórma e o typo das pyrexias. Podemos dizer, em these geral, que o alcool mantem na sua taxa physiologica, o poder regulador do calor animal ou tende fazel-o reconduzir a ella quando d'ahi se

tenha afastado. Diminue a temperatura augmentada pela febre adynamica e tende a eleva-la quando é abaixada no estado algido.

Estudemos agora as diversas doenças onde se faz uso do alcool.

Dyspepsias e vomitos. — Segundo o que já temos dito, o alcool é util nos estados morbidos em que ha falta de secreção do succo gastrico e hypersthesia estomacal.

No primeiro caso augmenta a secreção do succo gastrico, no segundo dá ao estomago uma certa anesthesia; assim o alcool que provoca tantas vezes aepsias nos bebedores, pôde em pequena dose tornar-se o medicamento indicado em certas dyspepsias.

Os vomitos da prenhez. — São felizmente combatidos pelo vinho *champagne* que actua não só pelo alcool que contém, mas tambem pelo acido carbonico que é egualmente um anestesico.

A vertigem estomacal. — É acalmada pela ingestão d'uma pequena porção de vinho generoso e de licôres alcoolicos durante os accessos.

Pneumonia. — O methodo de Todd que foi tão enthusiasmicamente vulgarisado e conserva ainda numerosos partidarios, não dá sempre nas pyrexias francas (pneumonia, rheumatismo etc.) os resultados vantajosos que havia direito a esperar, porque, quando a evolução d'estas febres é normal, o alcool deve ser muito concentrado para produzir effeitos antipyreticos. Mas desde que estas febres tomem o ca-

racter larvado, adynamico ou pernicioso, o methodo é então absolutamente indicado.

Na pneumonia contrahida pelos bebedores o alcool é tambem utilmente empregado.

Na *bronchite*, a principio, 30 grammas de aguardente ou de ponche podem fazer desaparecer a doença. Póde repetir-se a dose no dia seguinte se se julgar conveniente.

Nas *febres intermittentes*, a principio, um copo de *rum* ou d'aguardente póde jugular a doença.

Na *tuberculose*, o alcool actua principalmente como medicamento *d'épargne*: modera a febre, favorece a digestão e combate os vomitos.

Nas *hemorragias*.—O uso popular que consiste em dar alcool ás mulheres affectadas de hemorragias uterinas consecutivas aos partos, foi adoptado em medicina e tem-se prescripto este agente contra a métrorrhagia.

Na *febre typhoide*.—A administração dos alcoolicos constitue um dos principaes meios a que devemos recorrer. Modificam felizmente este estado morbido e abreviam a sua duração. O emprego do alcool será especialmente util nos casos complicados de delirio.

Mas devemos ter todo o cuidado com as idiosyncrasias dos dentes. Em geral os acidos vegetaes associados ao alcool são n'estes casos d'um uso excellente.

Na *variola*, *escarlatina* e *sarampo*, as indicações são as mesmas que para a febre typhoide.

No *cholera algido*, nos resfriamentos e no collapso de certas doenças agudas, faz-se uso da preparação seguinte :

Infusão de chá.....	10 gr.
Agua	250 gr.

Junte :

Alcool.....	} ãã 150 gr.
Xarope simples.....	
Succo de limão.....	

No *cholera infantil*, o dr. Panot obteve muito bons resultados em fazendo tomar ás crianças, todos os 20 minutos, uma colher de chá da poção seguinte :

Cognac velho.....	10 gr.
Agua	200 gr.

Delirium tremens. — Não é sómente na pneumonia que o alcool é util aos bebedores, é-o tambem em todas as doenças agudas de que forem atacados. Se então se privam do seu excitante habitual, pódem ser atacados de *delirium tremens*.

Na *erysipela*, o alcool é sempre indicado.

Tambem o é na *grippe*, principalmente se se acompanha d'um estado ataxo-dynamico. Do mesmo modo é indicado na diphteria.

Nas *intoxicações pelo arsenico*, tem-se obtido

muitas vezes a cura com 90 grammas d'alcool para o adulto e 60 grammas para a criança.

Na *convalescença*, o alcool é sempre um excellente auxiliador do tratamento.

Nas *syncopes*, o alcool é igualmente indicado em virtude da energia que imprime ás contracções cardiacas.

Na *asystolia*, elle attenua os seus accidentes activando a circulação.

Finalmente o alcool é ainda muito util contra a diarrhea dos phtisicos e a dos athrepsicos, empregado debaixo da fórma de clisteres vinosos.

CAPITULO III

Alcoolismo

Estamos em presença da parte mais importante d'este trabalho; depois de termos feito conhecer a acção physiologica do alcool e os seus usos beneficos, devemos dizer quaes são as consequencias funestas do abuso d'esta bebida.

O alcool póde ser introduzido no organismo pelas muccosas e pelle; nas condições ordinarias da vida, penetra no organismo pelas muccosas digestiva e pulmonar.

Clinicamente podemos pôr de parte a penetração pelas vias respiratorias que, muito menos importante, póde, todavia, ser sufficiente para determinar a intoxicação alcoolica. Fallemos só da introduccão pela via estomacal. Chegado ao estomago, o alcool é ahi absorvido em natureza ao nivel das paredes vasculares da vasta rede sanguinea que rodeia este orgão; a

maior parte passa n'estes vasos, e o alcool que não é ahi absorvido, continúa a caminhar no tubo intestinal, d'onde passa á circulação e transportado pela veia porta á glandula hepatica, passa d'este orgão ao sangue.

Para certos auctores ahi seria oxydado e transformado; o acido carbonico e a agua seriam os ultimos termos da sua oxydação.

Para Boedlander, uma parte do alcool ingerido (3 a 5,5 para 100) escapa á transformação e é excretada em natureza pelos rins, pelle e pulmões.

Finalmente, para outros auctores (Lallemand, Perrin e Duroy), o alcool não é destruido, nem transformado no organismo; faz uma certa estação na economia e elimina-se em natureza pelos rins, pulmões e pelle. Estes experimentadores dizem ter extrahido alcool em natureza, do sangue, substancia nervosa, fígado, musculos, tecido cellular, etc.

Em resumo, na opinião Ducheck, Liebig e Dujardin Beaumetz, o alcool é um verdadeiro alimento *d'épargne* que enfraquece as combustões tirando uma certa quantidade de oxygenio aos globulos rubros. Para outros (Lallemand, Perrin e Duroy) o alcool não é um alimento; é um agente modificador do systema nervoso, actuando em fraca dose como excitante e em dose elevada como estupefaciente.

No estado actual da sciencia admite-se, por assim dizer, um meio termo entre as theorias de Liebig e Lallemand, Perrin e Duroy; isto é,

que uma porção de alcool ingerida é promptamente eliminada pelos órgãos excretores, ao passo que o resto se transforma em acetatos, sendo uma pequena porção, unicamente, queimada como alimento hydrocarbonado.

Esta combustão não é instantanea, e, até á destruição total, o alcool circula no sangue. Quando faz assim parte integrante do organismo, o alcool exerce sobre o cerebro uma acção cuja intensidade e duração são proporcionaes á quantidade ingerida e á impressionabilidade do individuo.

Se o uso do alcool é immoderado, produz-se um verdadeiro envenenamento que se chama alcoolismo (Magnus Huss). Este envenenamento apresenta-se sob duas fórmas: uma aguda e outra chronica.

Se a ingestão exagerada do alcool é passageira, a perturbação momentanea resultante chama-se alcoolismo agudo; mas se esta ingestão exagerada é repetida frequentes vezes, ou mesmo se a absorpção quotidiana é superior á que o organismo póde eliminar, o individuo impregnado sente desordens funcçionaes, e é victima de uma serie de alterações no conjuncto dos órgãos. Assim se encontra constituido um estado morbido de evolução mais ou menos lenta, em que se podem intercalar accessos agudos, que se chama alcoolismo chronico.

Devemos, pois, separar, no estudo do alcoolismo, os accidentes em relação com uma

intoxicação passageira e os accidentes devidos a uma impregnação lenta e continua. O alcoolismo agudo apresenta caracteres bem nitidos, distinctos dos caracteres do alcoolismo chronico.

Antes de fallarmos das duas fórmas d'alcoolismo separadamente, julgamos ser necessario fallar dos differentes effeitos produzidos no organismo, pelo alcool ethylico e pelos outros alcooes.

As bebidas espirituosas em uso, são compostas d'alcooes de natureza muito diversa. Além do alcool ethylico, que a hygiene nos aconselha ser o unico proprio para consumo, a chimica isolou uma grande porção d'outros alcooes, que são introduzidos ordinariamente nas bebidas por manipulações fraudulentas.

Os principaes alcooes que entram na composição das bebidas espirituosas, são os alcooes ethylico ou vinico, methylico, propylico, butylico e amylico.

A serie dos alcooes comprehende os compostos organicos mais dissimilhantes sob o ponto de vista da sua acção physiologica, apesar de chimicamente pertencerem á mesma familia e estarem ligados a um radical commun. A acção nociva de cada um d'elles tambem é muito differente, sendo esta questão bem estudada nos ultimos annos.

Cross em 1863, na sua these inaugural, indicou quaes os perigos que podiam resultar do abuso de bebidas na composição das quaes en-

trassem os alcooes butylico e amylico. Além d'este, outros physiologistas, taes como Rabuteau, em 1870 e recentemente Dujardin-Beaume e Audigé, etc., fizeram as mesmas experiencias e estabeleceram que a potencia toxica d'estes diversos alcooes está na razão directa do seu grau d'atomicidade e ponto d'ebulição.

Quanto mais elevados estes forem, tanto mais nocivos á saude são os alcooes a que correspondem. Assim sendo preciso oito grammas d'alcool ethylico puro por kilogramma do animal para produzir a morte, d'alcool amylico apenas é sufficiente 1,870.

Eis aqui uma tabella com os seus respectivos valores:

	P. m. P. d'ebul.	
Alcool methylico...	$C^2 H^4 O^2$...	10 66°
Alcool ethylico.....	$C^4 H^6 O^2$...	16 78°
Alcool propylico.....	$C^6 H^8 O^2$...	16 98°
Alcool butylico.....	$C^8 H^{10} O^2$...	29 109°
Alcool amylico.....	$C^{10} H^{12} O^2$...	34 132°

A leitura d'este quadro demonstra portanto que, de todos estes alcooes, é o amylico o veneno mais violento. É tambem o que se encontra constantemente nas bebidas que se entregam ao consumo publico, e cujo abuso póde trazer um grande numero de desordens functionaes.

Depois de termos fallado n'esta serie de alcooes, vamos descrever muito resumidamente

as differentes embriaguezes correspondentes á variedade d'alcool ingerido.

A embriaguez produzida pelo vinho ou alcool ethylico apresenta um periodo de excitação e outro de depressão, mas esta embriaguez é passageira; sendo esta innocencia relativa do alcool ethylico devida á sua facil e prompta eliminação pelas vias renal e respiratoria.

A embriaguez methylica como a embriaguez ethylica apresenta os dois periodos de excitação e de depressão, mas são ambos de curta duração.

Na embriaguez propylica o periodo de excitação segue de perto a ingestão, mas dá immediatamente lugar á resolução muscular e ao colapso.

Na embriaguez butylica os mesmos periodos se succedem, desenvolvem-se mais lentamente e observa-se além d'isso um tremulo generalizado.

O alcool propylico e o butylico dão mais particularmente lugar a accessos epileptiformes e convulsivos.

O alcool amylico é, como dissemos, o mais toxico e produz rapidamente a embriaguez apoplectica e o côma.

Em seguida á embriaguez produzida por estes alcooes, o bebado é atacado de torpor, de estupidez, e de fadiga geral contrastando com a conservação da energia muscular da embriaguez ethylica.

Algumas horas depois da ingestão d'estes

alcooes, o organismo, em vez de voltar ao estado normal apresenta uma exacerbação dos accidentes. O alcool ethylico que excitava o organismo eliminou-se, os outros alcooes e productos impuros, d'uma solubilidade difficil e cujo ponto d'ebulição é muito elevado, são demorados na economia onde produzem effeitos muito funestos, entre outros: cephalalgia intensa, sede extrema, paralysisa dos systemas muscular e nervoso, pallidez devida quer á fraqueza das pulsações cardiacas, quer a uma alteração do sangue. Esta fraqueza cardiaca póde tornar-se tal a ponto de ser seguida d'uma morte subita.

Assim, certos individuos, depois d'excessos de pouca importancia, téem sido arrebatados (pallidez excessiva, suores frios, retardação das pulsações cardiacas, e por ultimo até suspensão completa.)

Este triste desenlace é devido á ingestão de alcooes impuros ou de misturas contendo uma certa quantidade d'estes alcooes ou de substancias hydrocarbonadas, cujo ponto d'ebulição é muito elevado, a eliminação difficil e portanto d'uma acção nociva e extraordinaria.

Em clinica não se conhecem os effeitos subsequentes d'uma ou outra embriaguez que acabamos d'apresentar, porque o bebedor ingere quotidianamente ou em curtos intervallos, bebidas que contém estes alcooes diversos, em proporções variaveis.

O que se sabe, é que nos paizes vinhateiros,

onde o alcool ethylico é o unico usado, o alcoolismo chronico é quasi desconhecido. D'onde se conclue que o alcoolismo é, ordinariamente, a intoxicação produzida pela mistura dos diversos alcools.

Alcoolismo agudo.—A embriaguez em todas as suas phases, corresponde a esta expressão Diz-se «que ha alcoolismo agudo quando um individuo sente effeitos immediatos e passageiros d'um excesso de bebidas espirituosas.» (Lancereaux)

A embriaguez apresenta evidentemente um quadro muito variavel, conforme a bebida ingerida, e conforme o estado individual do bebedor.

Não se póde comparar a embriaguez desinquieta e galhofeira do champaghe, com a do gin, por exemplo, que sidera e estonteia até ao maximo grau. Do mesmo modo, o estado d'ébriedade não apresenta a mesma fórma em individuos de temperamentos differentes.

Certos individuos supportam, sem parecerem incommodados, quantidades relativamente consideraveis d'alcool, ao passo que outros não podem absorver a minima dose sem sentirem immediatamente os effeitos. Devemos ter em muita consideração, portanto, a predisposição individual (hereditaria ou innata).

D'uma maneira geral, podemos segundo a quantidade d'alcool absorvido, admittir tres fórmas no alcoolismo agudo.

A forma passageira, que é a embriaguez ligeira; a gastro-hepatite dos bebedores, em que predominam os phenomenos consecutivos á embriaguez; e a forma grave, que é o grau mais elevado do alcoolismo agudo, e em que os accidentes nervosos téem uma intensidade excessiva. Chegado a este grau o alcoolismo agudo póde terminar pela morte.

A primeira forma é a *embriaguez ligeira* com as suas duas phases successivas d'excitação e depressão. É acompanhada de perturbações no apparelho digestivo e no systema nervoso, e além d'isso no momento da ingestão por sua diffusão no organismo, o alcool impressiona tambem todos os órgãos.

Os symptomas primitivos da embriaguez são caracterisados por uma sensação de bem estar com excitação geral e uma exaltação affectiva e intellectual.

N'esta phase a força muscular augmenta, manifesta-se uma alegria mais que natural, os olhos tornam-se brilhantes, são banidos todos os cuidados e pezares, a physionomia torna-se resplandecente e animada, a coragem intrepida, as ideias afluentes e o individuo torna-se verboso.

As pulsações do coração acceleram-se, as veias jugulares tumefazem-se, as arterias do pescoço pulsam com energia e a face injecta-se. A região do coração é a séde de palpitações mais ou menos violentas.

Depois, sobrevem um sentimento de verti-

gem, primeiro agradável, depois penoso; a vista obscurece-se, ha zumbido d'ouvidos, pouco depois os sentidos embotam-se, a marcha torna-se incerta, vacillante e muitas vezes, até pôde terminar por se tornar impossivel e o doente cahe, a palavra é embaraçada, e as ideias já se succedem desordenadamente.

Uma violenta cephalalgia e pezo de cabeça succedem a esta phase d'excitação. Então ás inspirações d'um espirito estimulado succedem uma bacharellice inepta e discursos sem nexos; a coragem degenera em temeridade e a alegria torna-se extravagante, o character volta á susceptibilidade, á desconfiança e á irascibilidade; os juizos perdem a sua veracidade e tornam-se incoherentes. O espirito torna-se mordente, insipido, e a affluencia desordenada de ideias termina por um verdadeiro delirio. Então o embriagado descobre com ingenuidade, sinceridade e sem dissimulação os seus costumes e o seu character, d'onde o aphorismo vulgar: *in vino veritas*. Effectivamente o homem colerico irrita-se, fere e morde; o apaixonado suspira e abraça; o tolo ri-se, o triste derrama lagrimas, falla da religião e da morte.

A concepção delirante, todavia, não está sempre em relação com o estado moral physiologico e as excepções a esta regra são numerosas. É frequente vêem-se timidos mudar completamente de character, tornarem-se altercadores e desordeiros; individuos polidos e timidos mostrarem-se grosseiros e atrevidos.

As secreções do tubo digestivo, augmentam nos primeiros instantes da embriaguez, diminuindo depois pouco a pouco. A bocca secca e torna-se pastosa e amarga, a saliva viscosa, a lingua inchada e coberta d'um induto esbranquiçado, havendo anorexia e sêde exagerada.

O bebedor experimenta eructações e uma sensação penosa no epigastro, nauseas que terminam por vomitos extremamente acidos depois dos quaes o doente sente um certo bem estar. Estes vomitos estão em relação com a quantidade e qualidade do liquido ingerido, e com o grau de tolerancia do estomago do bebedor. O doente accusa muitas vezes n'este momento cólicas e tem-se observado, ainda que raramente, a hepatalgia e a ictericia.

A secreção urinaria é ordinariamente augmentada, a pelle congestionada e é a séde d'um suor abundante exhalando um cheiro ligeiramente alcoolico. Finalmente as aptidões genitales a principio exaltam-se e o homem é então convidado aos prazeres do amor, soffrendo pouco tempo depois uma notavel depressão.

A embriaguez encarada sob o ponto de vista physiologico, é devida a uma perturbação no funcionamento das cellulas nervosas do encephalo e da medulla. O veneno perturbando a nutrição d'estas cellulas altera transitoriamente a sua funcção.

A embriaguez ligeira é geralmente de curta duração e depois d'uma phase d'excitação cerebral mais ou menos longa, o ebrio dorme pro-

fundamente, despertando quasi sempre curado, mas ainda estúpido, conservando durante algumas horas dôres de cabeça e torpôr cerebral.

Gastro-hepatite dos bebedores. — (Charcot). Na fôrma antecedente as perturbações digestivas são passageiras. N'esta fôrma as perturbações são mais duradouras, e persistem durante alguns dias. As perturbações digestivas dos bebedores pôdem tambem manifestar-se sem embriaguez anterior; pôdem sobrevir em virtude d'uma série d'excessos bastante intensos para irritar o estomago e o figado.

Qualquer que seja a causa da gastrite aguda dos bebedores, os seus symptomas são sempre identicos, revestindo a fôrma d'embaraço gastrico ordinario. Os doentes accusam uma ligeira dôr na região epigastica; têm falta de appetite, sêde intensa, nauseas, algumas vezes vomitos alimentares ou biliosos, e muitas vezes diarrhea. A lingua é branca e pastosa, e o halito fétido. Algumas vezes as conjunctivas são ligeiramente amarelladas, e n'um grau mais intenso, o figado participa d'este conjuncto morbido, tornando-se doloroso e congestionado, apresentando a pelle uma côr icterica.

Nos paizes quentes, o figado é quasi sempre interessado e muitas vezes com grande intensidade.

Fôrma grave. — Esta fôrma é o ultimo periodo do alcoolismo agudo, em que o systema nervoso é perturbado com uma intensidade extrema.

N'esta fórma a resolução muscular é completa, as perturbações cerebraes accentuam-se, ha uma anesthesia geral mais ou menos completa (Blandin pôde fazer uma amputação da coxa a um ferido n'este estado, sem que elle percebesse), a intelligencia aniquilla-se, o individuo cahe em colapso com relaxamento dos sphincteres e dilatação das pupillas, tornando-se a respiração ruidosa.

Attribue-se o colapso á acção do alcool sobre o pneumogastrico. A hematose é profundamente perturbada em virtude da presença do alcool, do que resulta um abaixamento de temperatura sensivel, principalmente nas extremidades, uma diminuição na exalação do acido carbonico e uma còr violacea da face e dos membros.

N'uma variedade menos frequente apparecem verdadeiros accessos convulsivos; mas, ordinariamente, estes accessos são devidos não só á ingestão do alcool, mas tambem á de certos oleos essenciaes que entram na composição das bebidas ingeridas e especialmente do licor de absintho.

O alcool empregado para o fabrico do absintho é geralmente de má natureza e o fabricante confia na essencia aromatica para lhe mascarar a sua inferioridade. O absintho possui por si mesmo, como veremos mais detidamente, uma acção convulsiva, provoca a epilepsia, delirio com hallucinações e o coma.

Um dos phenomenos mais frequentes e ca-

racteristicos n'esta fórma grave é o estado de coma em que cahe o doente. O corpo torna-se frio e insensivel, os olhos vitreos e atonicos, podendo este estado ser seguido de morte subita.

O coma é uma abolição mais ou menos completa da intelligencia, da consciencia e da personalidade. A sensibilidade e o movimento são mais ou menos alterados. Os membros estão em resolução, mas não paralyzados, o *facies* abatido, as palpebras mais ou menos cerradas, a saliva escapa-se pelas commissuras, a face póde estar calma, pallida e immovel, e exprimir um sentimento de alegria ou de terror.

A respiração geralmente profunda é algumas vezes frequente e estertorosa. A maior parte das vezes o coração bate naturalmente.

A secreção urinaria subsiste, umas vezes o doente faz micções involuntarias e outras vezes apresenta uma anuria completa. O mesmo acontece com a defecação, que umas vezes é involuntaria e outras não existe.

A deglutição é difficil.

A marcha e a duração do coma variam com a natureza da causa productora ou para melhor dizer com a natureza e quantidade do alcool dos liquidos ingeridos. Já vimos que o alcool amylico é de todos o que, em menor dose, produz o coma. Este estado produzido por este alcool póde ser muito grave, e é raro que a morte não sobrevenha quando o coma dura mais de doze horas.

Em geral a compressão da substancia cerebral, por uma causa qualquer, é uma condição favoravel á producção do coma. Mas se em certos casos a compressão explica o coma, em outros o coma é de causa differente (impresões moraes vivas).

O coma interpreta-se então pelo estado do cerebro e a excitação exagerada do grande sympathico cervical. Attribute-se o coma prolongado a uma anemia seguida d'hyperemia que ás vezes póde chegar a produzir rupturas vasculares acompanhadas de morte. A anemia produziria o coma porque a presença dos globulos sanguineos é necessaria á actividade cerebral. Attribute-se mais justamente o coma alcoolico a uma alteração chimica da substancia cinzenta, isto é, um envenenamento pelo radical acetico dos principios albuminoides do encephalo.

Os diversos estados comatosos podem reunir-se em tres classes:

Alterações organicas dos hemispherios cerebraes;

Alterações do sangue;

Nevroses.

Só nos devemos occupar do coma toxico, incluído na 2.^a classe.

Todo o envenenamento produz o coma, tanto o que é devido ao alcool como o que é devido ao ether, chloroformio, protoxydo d'azote, opio, ás solaneas virosas e ao chumbo.

Na embriaguez, como temos visto, ha sup-

pressão da actividade dos sentidos e um delirio devido á hyperexcitação cerebral.

Os narcoticos actuam d'um modo semelhante modificando o estado molecular da polpa nervosa. Durante muito tempo tentou-se explicar a acção do opio pela congestão do encephalo, hoje julga-se esta congestão secundaria e devida provavelmente a um começo de asphyxia.

O coma saturnino apresenta tambem a fórma congestiva.

O coma chloroformico é precedido d'uma especie de embriaguez com exaltação, incoherencia d'ideias, gestos desordenados, risos, lagrimas e hallucinações. A anesthesia póde já ser completa durante este estado de excitação, depois faz-se o silencio, e um somno profundo invade o organismo.

O coma alcoolico póde terminar pela morte, como já dissemos. N'este caso a morte sobrevem depois da absorpção d'uma grande quantidade d'alcool ingerido em dose massica. Quasi sempre se trata de apostas estupidas ou de farrices animadas por um auditorio insensato.

É bastante difficil determinar a quantidade d'alcool necessaria para produzir a morte. Sessenta centilitros constituem algumas vezes uma dose mortal. Em um caso contado por Tardieu, a morte veio 16 horas depois da absorpção de sessenta a setenta centilitros de aguardente. N'este caso, pouco tempo depois da absorpção do alcool, o bebedor cahe como fulminado, privado de conhecimento, de sensibilidade e de

movimento; immerso em um coma profundo, interrompido de tempos a tempos por convulsões. Dos labios escorre-lhe uma espuma sanguinolenta.

A morte vem umas vezes em menos d'uma hora, outras no espaço de quinze ou vinte horas sem que o conhecimento tenha reaparecido. (Tardieu.)

Na autopsia o cadaver exhala um forte cheiro d'alcool. O sangue e as visceras encerram alcool em natureza. O sangue, segundo a opinião de M. Huss, Lallemand, Perin e Duroy, podia encerrar globulos de gordura. As lesões visceraes que apparecem principalmente, são as do apparelho digestivo e do encephalo. O estomago está cheio d'um liquido acido, com cheiro alcoolico muito pronunciado.

A mucosa inflammada com sugillações e ecchymoses. O mesmo se dá com o intestino. (Lesser).

No systema nervoso são os phenomenos de congestão vasculares que predominam. Todas estas lesões estão em harmonia com a intoxicação.

Algumas vezes a morte póde dar-se no alcoolismo agudo d'um modo accidental. Talvez motivada por um resfriamento excessivo com temperatura muito baixa, quando os bebedores dormem profundamente ao ar livre nas noites frias d'inverno.

Em resumo, no alcoolismo agudo a morte dá-se quasi exclusivamente pelos accidentes

nervosos. O alcool actúa como os venenos estupefacientes.

Esta descripção tão fiel quanto possível da intoxicação alcoolica aguda nas suas diferentes fórmãs, não é ainda um quadro symptomatico com todas as *nuances* d'este envenenamento; visto que esta intoxicação não se nos apresenta á observação sob um typo uniforme.

Em todo o caso, certos phenomenos morbidos proprios a esta intoxicação são bastante frequentes para se poder determinar a sua origem. Porém, ao lado d'estes phenomenos reveladores, que de dissimilhanças, que de variedades nos differentes typos alcoolicos!

As predisposições individuaes, dóse, idade, sexo, climas, estações, raças, condições sociaes e a resistencia maior ou menor dos tecidos, etc., explicam até um certo ponto estas dissimilhanças. Além d'isso a intoxicação alcoolica é raras vezes simples; quasi todos os alcoolicos teem soffrido a influencia de muitos venenos. Não teem absorvido unicamente o alcool puro, teem ingerido ao mesmo tempo um certo numero de productos, cuja toxicidade póde ser maior que a do alcool. Teem usado do alcool misturado d'essencias, cuja lista e toxicidade vae augmentando de dia para dia.

Alcoolismo chronico.—O alcoolismo chronico, que se designa muitas vezes simplesmente alcoolismo, é o estado de degradação e decadencia vital criado pelo abuso habitual das bebidas alcoolicas.

Poucos individuos chegam ao alcoolismo chronico sem terem apresentado algumas manifestações do alcoolismo agudo, todavia alguns individuos, em virtude d'habitros particulares d'intemperança, e em virtude d'uma grande tolerancia passageira, podem nunca ter apresentado manifestações agudas e chegarem d'um modo lento e insidioso ao periodo mais avançado do alcoolismo chronico. N'estes individuos só a presença d'uma lesão visceral, cirrhose hepatica, por exemplo, pôde ser o primeiro indicio revelador d'uma intoxicação já longa e irremediavel.

O alcoolismo agudo, como vimos, dura pouco tempo e termina ordinariamente pela volta á saude, o contrario se dá com o alcoolismo chronico, que é um estado morbido muito complexo, cuja duração é indeterminada, e que muitas vezes produz a morte, não d'um modo directo e especial, mas por lesões secundarias dos diversos órgãos (estomago, figado, rins, pulmões, etc.)

N'este alcoolismo todos os systemas e apparelhos podem ser interessados.

O alcool depois de ter impregnado e impressionado todos os órgãos, produz uma alteração de toda a substancia, imprimindo uma gravidade especial ás doenças, *uma verdadeira diathese*.

Como vimos, o alcoolico está litteralmente impregnado d'alcool, do que pôde resultar para os seus elementos glandulares, elementos con-

junctivos, e parenchymas, uma modalidade organica destruidora, a que se deu o nome de *cachexia alcoolica*.

Examinemos pois os effeitos do alcoolismo chronico nos diversosapparelhos da economia.

Apparelho digestivo.—A bocca, pharynge e esophago, são no alcoolico a séde d'irritações chronicas, apresentando-se com uma côr vermelha anormal; a lingua, espelho do estomago, apresenta-se fendida e com a mesma côr.

O alcoolico tem o halito com um cheiro acido *sui generis*.

O esophago apresenta tambem erosões, e muito recentemente M. Letulle encontrou em um alcoolico, varizes enormes nas veias d'este canal. Visto o estomago e figado não apresentarem estas varizes, não podem ser attribuidas portanto, a embaraços de circulação venosa, hepatica. Para Letulle, são devidas a uma acção directa do alcool sobre as veias do esophago.

As paredes do estomago tornam-se espessas, a mucosa toma um aspecto cinzento e ardozeado, é indurecida em certos pontos, amolecida n'outros e ponteada de ecchymoses pouco extensas; á superficie vê-se um muco espesso e transparente segregado pelas glandulas hypertrophiadas. O espessamento existe na mucosa, na tunica conjunctiva e na muscular. A mucosa estomacal apresenta-se tambem com pregas no sentido longitudinal, apresentando um aspecto analogo ao do estomago cha-

mado de columnas. Distinguem-se de distancia a distancia, saliencias correspondendo a dilatações kisticas ou a polypos glandulares e fibrosos. Póde tambem demonstrar-se a presença de polyadenomas.

Tem-se descripto no estomago d'um alcoolico uma variedade de gastrite phlegmonosa ou de phlegmão diffuso. Parece difficil admittir que o alcool possa produzir directamente a suppuração do estomago. É mais provavel que o alcool determinando erosões gastricas, permitta aos micro-organismos da suppuração, penetrar nas tunicas do estomago e produzir a fonte suppurativa.

O estomago é dilatado nos bebedores de cerveja e vinho, e é retrahido nos bebedores de aguardente (Laucereaux).

A dilatação não é talvez senão transitoria dando logar ulteriormente á retracção do órgão.

Observam-se muitas vezes ulcerações no estomago, que differem da ulcera simples de Cruveilhier, pela sua multiplicidade, pouca extensão, irregularidade e pela pouca tendencia a perfundar. Existem a maior parte das vezes no pyloro e na pequena curvatura, e recordam as ulcerações fissurarias da lingua. Só excepcionalmente são solitarias, a maior parte das vezes são multiplas. São pouco profundas e só interessam a parte mais superficial da mucosa. Lancereaux notou que estas ulcerações apresentavam muitas vezes um pequeno coagulo de sangue no seu centro e que mesmo na ausen-

cia d'este coagulo, notava-se muitas vezes a presença de grãos de hematosina na sua superficie. Concluiu que estas erosões eram devidas á abertura d'um pequeno vaso sanguineo.

Sob o ponto de vista pathogenico, as erosões gastricas do alcoolismo são produzidas pela acção do succo gastrico, actuando sobre uma parte da mucosa despojada d'epithelio.

Estas ulcerações pôdem produzir a morte (ainda que raras vezes) quer por esgotamento, quer por peritonite ou hemorrhagia. Ás lesões descriptas do estomago, correspondem em clinica os symptomas da dispepsia, e da gastrite alcoolicas.

Poucos bebedores escapam á dyspepsia. O estomago torna-se improprio para a digestão, o que nos explica a falta d'appetite no bebedor, as suas pituitas, indigestões, as dôres epigastricas e as regorgitações acidas e ardentes.

A dyspepsia alcoolica apresenta, pois, o cortejo symptomatico das outras dyspepsias. Acompanha-se, todavia, ordinariamente, d'um signal de grande valor que permite só por si julgar a origem alcoolica das perturbações digestivas. É a pituita matinal.

Consiste, como se sabe, no vomito glutinoso, que se produz de manhã, em jejum e sem esforços. Este vomito é precedido de náuseas e regorgitações; e é seguido d'um grande amargor de bocca.

A materia espectorada é liquida, filamen-

tosa, esbranquiçada e espumosa; algumas vezes é córada d'amarello ou verde pela bilis.

A pituita quasi sempre se acompanha de violentos esforços de tosse, e algumas vezes de congestão da face e dos olhos.

É menos abundante e algumas vezes até póde faltar, nos alcoolicos que tem o cuidado de ingerir algum liquido ou alimento logo ao despertar.

A pituita parece formada de saliva engulida durante o somno. (Charcot).

A gastrite alcoolica mais rara que a dyspepsia acompanha-se das perturbações funcionaes e organicas proprias a todas as gastrites. Um signal proprio á gastrite alcoolica, pelo menos muito raro na gastrite glandular ordinaria, consiste em pequenas hematemeses devidas a erosões gastricas já descriptas. Estas hematemeses são raras, pouco abundantes e caracterizam-se antes pela presença do sangue em pequena quantidade nas materias vomitadas que por um vomito de sangue puro (Charcot).

Esta hemorrhagia gastrica differe da que se observa na doença de Curveilhier.

Dujardin-Beaumetz e Audigé, fazendo conhecer, no 1.º de abril de 1884, á academia de medicina, os resultados das suas experiencias em porcos, disseram que estes animaes, sujeitos d'um modo lento e continuo ao uso do alcool, tornam-se constantemente dyspepticos e apresentam na autopsia lesões congestivas e inflammatorias muito caracteristicas.

Os provadores de vinhos são quasi todos dyspepticos, e a maior parte das regurgitações acidas e outras perturbações desaparecem quando deixam de beber vinho.

As lesões intestinaes são menos importantes que as gastricas e são ainda mal conhecidas sob o ponto de vista anatomico.

Observam-se tambem no duodeno ulcerações analogas ás já descriptas.

O intestino delgado é raras vezes atacado; em todo o caso póde observar-se algumas vezes a mesma irritação que nos epithelios da lingua, esophago e estomago; no cœcum nota-se algumas vezes um pouco d'espessamento com induração e côr ardozeada da mucosa.

A estas lesões do intestino correspondem diarrheas rebeldes, tenazes e incoerciveis, esgotando os doentes e cachetisando-os. Assim toda a nutrição é perturbada e o organismo não póde então resistir ao toxico. Sendo agravada esta situação pelo alcoolico que para se ver livre da incommoda e perigosa «pituita» recorre ao alcool, unico palliativo do *vomitus matutinus potatorum*, damnificando as glandulas annexas ao tubo digestivo.

Todas estas glandulas podem ser alteradas. Tem-se observado a steatose dos epithelios das glandulas salivares. Todavia estas lesões são raras e pouco importantes sob o ponto de vista clinico.

Figado—De todas as glandulas do apparelho digestivo, a que é victima do maior numero

de lesões no alcoolismo, é sem duvida a glandula hepatica.

Assim, são variadissimas as lesões do figado que fazem, implacavelmente, morrer os alcoolicos: porque o figado é (como muito bem define Girerd) o pendulo do relógio humano...

A incuravel cirrhose, a degeneração granulogordurosa do figado, começam por perturbações sem importancia e acabam pela morte.

As lesões d'esta glandula podem ser no tecido conjunctivo e nas cellulas hepaticas. As do tecido conjunctivo são ha muito conhecidas e universalmente admittidas. Produzem a cirrhose hepatica vulgar, cirrhose de Leannee, chamada tambem alcoolica, por causa da sua etiologia. A ingestão prolongada do alcool determina desde logo a hyperhemia d'esta glandula, uma superactividade funcional, o que é demonstrado pelo augmento da proporção de glycogene (Cl. Bernard).

Esta congestão persistente é a causa da cirrhose de que fallamos. O aspecto do figado é particular, apresenta uma cor amarella ruiva, a sua superficie é granulosa, herissada de pequenas massas duras, indo da grossura d'uma cabeça de alfinete até á grossura d'uma ervilha. Os inglezes dão a este figado o nome de figado cravejado.

N'um corte, o tecido firme range sob o escalpello e vêem-se granulações semelhantes ás do exterior.

Ao microscopico vê-se uma proliferação do

tecido conjunctivo que não penetra nunca no interior dos lobulos; segundo a definição de Charcot, a esclerose é multilobular, annular e extralobular. Em Inglaterra dá-se ao figado, apresentando este aspecto, o nome de «*gin drinkers liver*», o que indica bem a etiologia do mal.

Em toda a cirrhose alcoolica, as cellulas hepaticas apresentam alterações manifestas; mas são antes de ordem mecanica e parecem causadas pela compressão exercida pelo tecido fibroso retrahido. Em certos casos as cellulas hepaticas são mais profundamente atacadas, são degeneradas e steatosadas, como se o veneno actuasse sobre ellas de um modo especial. Estas alterações cellulares observam-se na cirrhose atrophica de marcha rapida.

A estas lesões corresponde uma diminuição do funccionamento da glandula, terminando pela atrophia; além d'isso, o curso do sangue da veia porta é embaraçado pela compressão, d'onde resulta a hydropisia: o que deu origem a este proverbio pittoresco: — «Quem vive no vinho morre na agua».

São principalmente os bebedores de alcool concentrado (aguardente, vinho puro, etc) que, naturalmente, succumbem á cirrhose. Os bebedores de alcool diluido morrem de ordinario com o mal de Bright, isto é, das diversas lesões dos rins, motivadas pelo augmento de trabalho imposto ao apparelho urinario.

As cellulas hepaticas podem ser feridas in-

dependentemente de toda a alteração do tecido conjunctivo, de certas hepatites parenchymatosas (ictericias graves dos alcoolicos). Esta ictericia faz-se acompanhar de symptomas nervosos e gastricos com adynamia profunda e rapida, syncopes e morte.

Finalmente a steatose hepatica é quasi tão vulgar como a cirrhose.

Baço.—O baço é umas vezes hypertrophiado e molle, outras compacto e duro.

Pancreas.—Este órgão apresenta-se volumoso e infiltrado de gordura mas muitas vezes observa-se cirrhosado.

Assim como o figado, o baço, o pancreas e o peritoneo podem ser victimas, no alcoolico, de degenerações gordurosas, grau ultimo de degradação dos tecidos vivos, verdadeira cada-verisação dos elementos cellulares, analogas ás que produzem os venenos mais perigosos (phosphoro, arsenico). É a estas alterações que é devida, frequentemente, a gordura abdominal dos alcoolicos; esta gastrophosia é de tão mau quilate, que o bom senso vulgar não hesita em a qualificar de «*má gordura.*»

Depois de todo este quadro horroroso que acabamos de observar no apparelho digestivo, não podemos deixar de dizer que Horsley não exagera quando qualifica o alcoolismo de *suicidio chronico*.

Apparelho respiratorio.—As lesões da larynge são geralmente d'ordem congestiva; as cordas vocaes superiores são tumefactas, ás

cordas inferiores acontece o mesmo mas mais tardiamente; finalmente o doente pôde ser atacado de laryngite.

Estas lesões parecem devidas, a maior parte das vezes, á extensão das lesões da pharynge.

Clinicamente, estas lesões manifestam-se pela palavra especial dos alcoolicos, voz rouca, rude e cavernosa. Muitas vezes existe aphonia, sobretudo de manhã.

Ás lesões congestivas da larynge e trachéa corresponde tosse e dyspnea, independente de qualquer affecção pulmonar. Esta tosse acompanha muitas vezes a pituita e favorece o vomito que a acompanha.

Os bronchios são atacados de catarrho chronico, a mucosa apresenta uma côr cinzenta ardozeada; tem-se egualmente observado a dilatação dos pequenos bronchios, emphysema pulmonar e sclerose do pulmão.

Alem d'isso, o alcoolismo cria uma predisposição para as congestões e para as inflammções agudas do pulmão e da pleura.

A pneumonia n'um alcoolico apresenta certos caracteres especiaes; é muitas vezes dupla logo no começo; tende a invadir os vertices e a suppurar; a sua marcha é muito rapida e determina phenomenos secundarios d'uma grande gravidade: cyanoze, prostração, adynamia, delirio, enfraquecimento da acção do coração, suores profuzos e causa a morte nove vezes sobre dez; quando no sujeito sobrio, a pneumo-

nia é, como se sabe, a maior parte das vezes, d'uma natureza benigna.

As pleurisias n'um alcoolico teem um principio insidioso, uma marcha lenta e um derrame pouco abundante.

Relativamente á tuberculose, apesar de nem todos os auctores serem d'esta opinião, não podemos deixar de dizer que o abuso do alcool favorece poderosamente a producção da tuberculose, tornando o terreno apto para receber e fazer fructificar o bacillo da tuberculose. Como o assucar na diabetes, o alcool parece ser um grande adubo para o bacillo de Kock.

É assim que todos os paizes alcoolicos são flagelados pela tuberculose. No Havre, diz Gilbert, «onde se bebem 27 litros d'alcool por anno e por habitante, a phtisica é muitissimo frequente.»

As experiencias de Mackenzie. (de Londres) feitas recentemente no hospital de S. Thomaz, demonstram evidentemente que existem relações estreitas entre a tuberculose e o alcoolismo. Este auctor encontrou em 75 autopsias de tuberculosos, 46 casos em que existiam signaes evidentes d'alcoolismo, a cirrhose do figado, por exemplo; em muitos outros casos, suppunha a existencia do alcoolismo mas sem o poder demonstrar. A tuberculose no alcool tem caracteres especiaes analogos aos d'esta doença n'uma idade avançada. Tem uma marcha rapida; hemoptyses abundantes facilitadas pelo mau estado anterior dos vasos pulmonares.

Na autopsia d'estes tuberculosos encontram-se lesões fibrosas dos pulmões muito pronunciadas; os tuberculos cinzentos ou amarellos e a broncho-pneumonia caseosa são muito menos frequentes que nas fórmulas ordinarias da phthisica. É provavel que o augmento dos tecidos fibrosos seja devido á absorpção do alcool em grande quantidade.

As noções medicas contemporaneas não nos permitem poder affirmar que o alcoolismo seja sufficiente para produzir a gangrena pulmonar; todavia é fóra de duvida que facilita a sua producção.

D'este conjuncto de lesões podemos deduzir que o alcoolismo aggravará sempre o prognostico das affecções agudas do pulmão.

Apparelho circulatorio. — No alcoolico o coração é mais volumoso, mais molle e mais friavel; o myocardio tem uma côr amarella e a maior parte do coração direito é recoberto de uma infiltração gordurosa. O coração é ferido principalmente na sua musculatura; produzindo-se myocardites sclerosas que parecem mais consecutivas a lesões das arterias do coração, d'origem alcoolica do que primitivas.

As cavidades cardiacas são dilatadas, principalmente as do coração esquerdo.

As valvulas são mais espessas e podem apresentar todos os graus de endocardite chronica. Charcot considera esta endocardite como duvidosa.

O alcoolismo é uma das causas mais fre-

quentes do atheroma arterial, que se torna a origem d'accidentes diversos: aneurismas, rupturas, obliterações vasculares e hemorragias ou amollecimento cerebral. Estas lesões vasculares são analogas ás dos velhos, em que as arterias são endurecidas pelas concreções.

Para certos auctores estas lesões atheromatosas dos vasos não são produzidas pelo alcool, e são d'esta opinião Lancereaux e Duclos. Este ultimo notou que em 52 autopsias d'alcoolicos, o systema arterial estava intacto 25 vezes; e nos 27 casos restantes as lesões consistiam em placas amarelladas pouco salientes occupando a tunica interna. Duclos considera estas placas devidas á steatose e não ao atheroma.

É todavia certo que a maior parte dos auctores estão de accordo em que se encontram na autopsia dos alcoolicos, frequentemente, degenerações atheromatosas das arterias.

A unica lesão venosa que parece devida ao alcoolismo, é a pylephlebite adhesiva que foi observada principalmente por Budd, Frerichs e Lancereaux.

A genese d'esta inflammção concebe-se, facilmente, pois que a veia porta leva, como já dissemos, o alcool absorvido directamente no tubo digestivo. Alem d'isso, já vimos que o alcool tem uma acção manifesta sobre as veias do tubo digestivo (Lutulle). Produzem-se tambem no aparelho circulatorio do alcoolico, dilatações vasculares, principalmente em certas regiões da face (rosacea do nariz e das faces).

Sangue. — O sangue soffre tambem alterações no alcoolico: os globulos são deformados, o plasma toma um aspecto leitoso que é devido á quantidade de gordura que encerra e a fibrina é em quantidade menor.

As outras lesões (diminuição da massa total do sangue, augmento do numero de globulos brancos, diminuição do numero dos rubos) não são tão constantes.

A estas lesões do sangue corresponde a anemia do alcoolismo, o seu estado de fraqueza geral, as suas hemorragias facies (manchas escorbúticas, purpura) e finalmente o cortejo horroroso de males que vem assaltar todo o organismo.

É egualmente ao estado do sangue que se devem attribuir as gangrenas das extremidades (asphyxia local) produzidas por uma alteração profunda da nutrição e uma decadencia vascular, semelhante ás produzidas pela intoxicação arsenical ou oxycarbonica.

Apparelho urinario e genital. — O rim soffre tambem a influencia da acção do alcool e existe uma relação etiologica entre os excessos de bebidas e as lesões renaes; entre estas lesões, as mais frequentes são a cirrhose renal e nephrite parenchymatosa; todavia, devemos dizer que estas lesões parecem ser mais vulgares nos bebedores de cerveja; isto tende a provar, talvez, que devemos vêr antes n'estes estados, o effeito da hyperhemia funcional e da poly-mia, que da acção irritante do alcool.

Teem-se observado irritações na bexiga, na urethra, espasmos do collo da bexiga, etc., mas estas lesões não são características. Também se observa, frequentemente, sobretudo na Hollanda e Belgica, a «urethrite dos bebedores de cerveja».

Devemos dizer também que o alchool é uma das principaes causas da nephrite intersticial d'origem arterial. Isto é negado por Lance-reaux, porém, admittindo a influencia do alchool na producção da arterite atheromatosa, não podemos deixar de admittir esta nephrite.

Formad descreveu uma alteração especial do rim, que diz peculiar ao alchoolismo. Chama a esta lesão, *rim em dorso de porco dos alcoolicos*. Esta lesão seria devida á congestão venosa chronica e teria duas variedades: uma cyanotica e outra edematosa.

Para Lallemand, Perrin e Duroy, a urina contém alchool, para Tiedemann e Gmelin não existe esta substancia na urina. Segundo Ernest Bumm a urina no *delirium tremens* contém assucar d'uma maneira intermittente e passageira.

Bernabéi encontrou em tres alcoolicos, que a quantidade de azote eliminada pelas urinas era reduzida á terça parte da normal. O acido urico, segundo este auctor, não existe senão em traços imponderaveis e a creatina é egualmente diminuida.

Em alguns casos raros, o alchoolismo póde atrophiar os testiculos, e póde diminuir o nu-

mero de espermatozoides no espermato (Raesch). Sob o ponto de vista genesico, produz uma senilidade precoce tendo por caracteres: a impotencia genesica, a ausencia de desejos venerios ou a impossibilidade da erecção.

Como em todas as funcções, o primeiro effeito do alcool é provocar na funcção genital uma certa excitação; mas, suspeitemos d'este canto de sereia e recordemos o que o grande Shakespeare faz dizer a um dos seus heroes: «Se o vinho dispõe ao amor, retira bem depressa os meios de o satisfazer...»

Tem-se observado na mulher perturbações da menstruação, a cessação precoce d'esta funcção, o aborto e hemorragias uterinas.

Se a gravidez segue o seu curso regular e se o parto se faz nas condições normaes, os filhos d'alcoolicos podem sentir a influencia da intoxicação de seus paes.

A creança concebida durante a embriaguez do homem, é frequentemente epileptica, alienada ou idiota (Demeaux). Segundo Thomsen o alcoolismo, como qualquer outra predisposição heriditaria, póde passar ao estado de psychose transmissivel por herança. Segundo este auctor poderia transmittir-se directamente d'uma geração á seguinte ou saltar uma ou duas gerações.

Pelle.—Nos alcoolicos as affecções cutaneas, como as manifestações syphiliticas e os traumatismos, são particularmente graves e rebeldes ao tratamento. Os caracteres das affecções cutaneas no alcoolico são: extensão em

superfície e profundezza, grande duração das manifestações mórbidas, e grande frequencia das complicações, taes como, lymphangite, adenite, erysipela e phlegmão.

Além da gravidade particular que imprime ás affecções cutaneas, o alcoolismo produz alterações especiaes no aparelho cutaneo. Assim as funcções da pelle, são primeiro activadas e depois alteradas,

A epiderme secca-se e torna-se a sêde de vivas comichões.

As erupções mais frequentes são: o eczema, o prurigo, o ecthyma, o acne, cuja variedade rosacea estigmatiza a cara dos bebedores, as ulcerações dos pés, as hemorragias da pelle, sobretudo nos malleolos, sob a fôrma de sugillações violaceas.

Estas lesões cutaneas são aggravadas singularmente pela falta de limpeza.

Musculos e articulações.— Sob a influencia do alcool o musculo perde parte da sua consistencia, infiltra-se de gordura, e soffre uma atrophia crescente; do que resulta fadiga, fraqueza e incerteza nos movimentos.

As articulações são a sêde de dôres (arthralgias) mais ou menos vivas, mas não se conhecem as lesões anatomicas correspondentes a estes symptomas.

De ordinario os membros inferiores são os primeiros atacados, passando em seguida ás outras articulações.

Systema nervoso.— O alcool é o typo dos

venenos do systema nervoso (Cl. Bernard); não admira, portanto, que seja a origem d'uma grande quantidade de lesões graves e profundas.

Os órgãos dos sentidos, o cerebro, a medulla, e os nervos periphericos podem ser alterados, isolada ou simultaneamente, reagindo a seu modo á influencia do veneno.

As lesões do systema nervoso podem ser algumas vezes inapreciaveis, como se observa em alguns casos de *delirium tremens*, terminado por morte rapida.

Outras vezes são apreciaveis apresentando grandes variedades na sua séde e natureza. Observam-se lesões nos envolucros, no tecido nervoso, (cellulas nervosas e nevroglia) e nos vasos, d'onde congestões, inflammações chronicas, degenerações gordurosas, atrophias, hemorrhagias e amollecimentos, lesões estas mais ou menos associadas.

Nas meninges veem-se muitas vezes hemorrhagias; já vimos que eram indicadas como uma das causas da morte no alcoolismo agudo.

Estas hemorrhagias são produzidas pela lesão ordinaria d'apoplexia meningeal, isto é, pela pachymeningite (Charcot). Na dura-máter o alcool actúa como irritante, o que explicaria para Lancereaux a producção das falsas membranas da pachymeningite.

A arachnoidea e a pia-mater são quasi sempre alteradas nos alcoolicos cuja intoxicacão é antiga. Apresentam ordinariamente os signaes

d'uma congestão intensa no alcoolismo agudo terminado pela morte.

No alcoolismo chronico, quando termina pela demencia e imbecilidade, apresentam-se espessas, fundidas e adherentes á substancia cerebral subjacente. A arachnoidea apresenta especialmente placas esbranquiçadas mais ou menos espessas e extensas, que são o indício de uma inflammação chronica.

O cerebro tambem é a séde de lesões, mas não estão tão nitidamente estabelecidas. Para Magnan, consistem em irritações chronicas diffusas. Umas vezes, na demencia alcoolica chronica, a steatose e o amollecimento atheromatoso predominam; outras vezes, na paralyisia geral, trata-se principalmente de lesões intersticiaes (sclorose da nevroglia).

A primeira d'estas lesões é indiscutivel; a segunda é a lesão da paralyisia geral progressiva, a proposito da qual alguns auctores perguntam se o alcoolismo é causa real ou simples coincidencia.

Como vimos, a maior parte dos orgãos (figado, rins, coração), apresentam no alcoolico, com a degeneração gordurosa (steatose), a sclerose diffusa d'estes orgãos, inflammação chronica dos envolveros e do tecido intersticial.

Umas vezes encontra-se uma cirrhose hepatica, outras vezes uma nephrite intersticial; umas vezes a inflammação invade o pericardio e o proprio tecido do coração, outras vezes as meninges, etc.

Devemos, pois, reconhecer que o alcool tem a propriedade especial de produzir o duplo processo; steatose e sclerose.

A preeminencia d'um ou outro d'estes processos nos diversos individuos depende sobretudo da predisposição individual e além d'isso, de condições multiplas d'hygiene do meio em que vivem.

Nada nos custa, portanto, a admittir que o alcoolismo chronico que termina habitualmente na demencia, termine tambem algumas vezes, na paralysia geral.

A medulla não apresenta lesões especiaes no alcoolismo. Em todo o caso não é completamente indemne; é provavelmente a uma lesão de suas cellulas que o tremulo alcoolico deve ser attribuido, particularmente o tremulo generalisado com fremitos fibrilares e ondulações dos musculos observados no *delirium tremens*. Em um caso, isolado até hoje, Vierordt notou, em um alcoolico, uma degeneração dos cordões de Goll.

Os nervos periphericos apresentam lesões caracteristicas nos alcoolicos. Os trabalhos de Charcot, Lancereaux, Brissaud, M.^{me} Dégerine, Klumpk, etc., etc., mostraram que as paralyas motôras dos alcoolicos eram devidas a lesões dos nervos periphericos. Trata-se nas formas curaveis d'uma nevrite especial (nevrite segmentar periaxilar) com persistencia do cylindro-eixo; nas formas mais graves, a lesão nervosa é a da degeneração Walleriana; o cylin-

dro.eixo interrompe-se e desaparece, e a bainha nervosa fica vazia e contém unicamente pedaços de myelina.

Depois de apresentarmos as lesões anato-pathologicas do systema nervoso, no alcoolismo chronico, devemos apresentar o conjuncto de desordens funcionaes provenientes d'essas lesões, isto é, a acção do alcool sobre o systema nervoso, sob o ponto de vista clinico.

As perturbações nervosas do alcoolismo chronico são multiplas e variadas, assim como as lesões d'onde derivam; são relativas á sensibilidade, motilidade e intelligencia.

Sensibilidade.—Estas perturbações principiam por um mal estar geral, abalos localisados de ordinario nos membros inferiores, dôres de cabeça com vertigens e uma insomnia persistente. O somno é perturbado por peza-delos, hallucinações, dôres musculares e crestaduras subcutaneas. Depois apparecem formigueiros intermittentes ou continuos com sensação de tumefacção nos membros atacados, muitas vezes dôres terebrantes, com sensação de calor ou de frio, existindo de ordinario nas extremidades e attingindo os membros e o tronco em um periodo mais avançado.

A hyperesthesia é mais rara, geralmente limitada a um ponto da pelle ou das partes profundas, existe a maior parte das vezes nas barrigas das pernas e nos pés (botina hyperesthesica), coincide com a anesthesia em outros

pontos do corpo. A anesthesia apparece primeiro nas extremidades e depois propaga-se insensivelmente.

As funcções dosapparelhos sensoriaes, a principio exaltadas, soffrem em seguida um decrescimento continuo e uma especie de perversão.

O alcoolico vê raios luminosos, moscas volantes, os objectos com contornos indecisos; está sujeito a hallucinações, imagina ver pequenos animaes, mais ou menos phantasticos, correr no seu leito.

A asthenopia é a que primeiro se manifesta, vindo depois a atrophia pupillar definitiva, isto é, uma cegueira incuravel (amblyopia toxica) que se torna permanente e termina muitas vezes em uma amaurosa.

Em duas autopsias de amblyopia alcoolica, Utkoff demonstrou recentemente, que se tratava de uma nevrite atrophica parcial, caracterisada pela proliferação do tecido conjunctivo intersticial com multiplicação dos nucleos, da neo-formação dos vasos com espessamento das paredes e da atrophia das fibras nervosas. Utkoff demonstrou tambem outras alterações notaveis da vista; assim, demonstrou em um grande numero de alcoolicos (15 por 100) uma descoberta caracteristica do terço externo da pupilla, que é pallida e anemiada, ao passo que os outros dois terços são de uma cor vermelho sujo. Clinicamente, os doentes atacados d'esta alteração pupillar accusam uma diminuição na agu-

deza visual e embaraço na accomodação. As côres deixam de ser percebidas n'uma superficie pouco extensa, são confundidas, especialmente o violeta e o amarello, com o vermelho, e as moedas de ouro com as de prata.

Os musculos dos olhos são a maior parte das vezes poupados nas paralysias alcoolicas.

O orgão da audição é egualmente alterado, o doente imagina zumbidos, sussurros, vozeiras, etc.

O sentido do olfacto, gosto e tacto são tambem mais ou menos modificados.

De ordinario estas alterações do ouvido, cheiro e gosto são limitadas a um lado do corpo.

Como o ataxico, o alcoolico experimenta a sensação de um solo molle debaixo dos pés.

Observa-se tambem muitas vezes uma demora na transmissão das impressões; geralmente a sensibilidade thermica e o sentido muscular são intactos. Os reflexos superficiaes são conservados, mas abolidos os tendinosos.

Motilidade. — O tremulo é um dos primeiros phenomenos que se observa, e accentua-se com os esforços que o doente faz para o dissimular. É de manhã ao despertar que é mais sensivel; para se observar melhor é preciso convidar o doente a estender os braços para deante, affastando os dedos; dá-se a este tremulo o nome de tremulo fibrillar. Depois da ingestão de bebidas alcoolicas, este tremulo diminue n'um certo grau. Limitado a principio ás mãos, invade pouco a pouco os membros, a ca-

beça, os labios e a lingua, do que resulta uma hesitação na palavra, chegando algumas vezes o doente a tornar-se gago. Os movimentos tornam-se menos seguros e menos regulares. Observa-se embaraço e desmazello nos actos voluntarios, hesitação na marcha e a força das contracções é diminuida. O enfraquecimento muscular pôde attingir os musculos lisos do intestino, do esophago e da bexiga, mas a paralyisia não é completa senão nos ultimos periodos. As caimbras com agitações nos musculos são frequentes.

As paralyisias alcoolicas, já indicadas por M. Huss, foram bem estudadas por Charcot, Lancereaux, Oettinger, Brissaud, M.^{me} Dégerine, Thomsen, etc.

Observam-se principalmente n'uma intoxicação prolongada; e são mais frequentes na mulher que no homem (como se nota, por exemplo, em Londres). Estas paralyisias installam-se geralmente d'uma maneira insidiosa.

Quando se manifestam, os doentes queixam-se primeiro d'um embaraço nos movimentos voluntarios; um não pôde mais escrever, outro não pôde mais abotoar o seu fato ou tirar do bolso do collete qualquer moeda, chegando alguns até a perderem os sapatos ao andar, sem darem por isso.

«Muito sensiveis, diz Oettinguer na sua these, o seu rosto agita-se, congestiona-se, cobre-se de suor á menor questão. Os olhos tornam-se brilhantes, injectados; algumas vezes,

pelo contrario, a expressão do rosto é triste, os labios caídos, e a physionomia é um reflexo fiel do estado da intelligencia».

Segundo Boisvert, o principio da paralyisia alcoolica principia muitas vezes por colicas, que seriam o equivalente clinico das dôres fulgurantes dos membros.

A paralyisia fere de preferencia os membros inferiores e particularmente certos grupos musculares. Os grupos extensores são os feridos, ordinariamente em primeiro logar; apparecendo a principio paresia symetrica, depois paralyisia; o tricepete crural é geralmente atacado logo depois dos extensores, muitas vezes fica elle só paralyisado, em seguida são os peroneaes e os da barriga da perna em ultimo logar. Se o membro superior é ferido, a mão é atacada em primeiro logar.

O membro inferior toma uma attitude especial, devida á paralyisia dos extensores e á natureza flaccida da paralyisia. A fórma paraplegica é a mais commum, algumas vezes observa-se a paralyisia radial.

A impotencia muscular póde ser completa ou incompleta. Em alguns casos a marcha do doente é caracteristica.

Segundo Madame Dégerine, a paralyisia podia ferir o pneumogastrico e produzir a tachycardia, e algumas vezes mesmo produzir uma syncope mortal.

A maior parte das vezes não ataca os musculos da face.

A paralysisa póde produzir-se lenta ou rapidamente; mas esta segunda fôrma geralmente fatal, não é nunca completa, nem geral, desde o principio e só certos grupos musculares são atacados.

Certas perturbações ataxicas são muito frequentes, principalmente no homem.

As perturbações ataxicas Brissaud dá-lhes o nome de pseudo-tabes alcoolico. São caracterisadas por:

- 1.º Perturbação dos movimentos voluntarios;
- 2.º Dôres fulgurantes;
- 3.º Perturbações oculo-pupillares;
- 4.º Paralysisas oculares;
- 5.º Abolição dos reflexos.

O alcoolico muitas vezes tem uma sensação de solo molle debaixo dos pés, marchando de um modo especial.

N'este pseudo-tabes, não se manifestam as dôres em cintura e as dôres fulgurantes são limitadas ao membro inferior. O pseudo-tabetico perde as suas forças, e, finalmente, quando na ataxia normal a marcha da doença é relativamente lenta, aqui, pelo contrario, todos os phenomenos apparecem ao mesmo tempo. Póde mesmo acontecer que o pseudo-tabes e o tabes sejam concomitantes.

A paralysisa alcoolica não se faz acompanhar de contracturas nem de convulsões e os phenomenos espasmodicos são raros no alcoolismo puro.

É bastante frequente um estado a que se deu o nome d'epilepsia alcoolica. Para Lasègue este estado não é a epilepsia verdadeira e classica, este auctor chamou-lhe pseudo-epilepsia toxica. Esta epilepsia é devida ao absinthismo e não ao alcool.

Magnan demonstrou que o absintho era o unico responsavel pelas convulsões e ataques d'epilepsia observados em certos alcoolicos, provando que o absintho em fraca dose era convulsivante, ao passo que o alcool era estupefaciente.

Divergem as opiniões sobre as causas da acção do absintho. Uns com Laborde attribuem os seus effeitos á essencia d'absintho; outros com Cadeac e Meunier fazem intervir dois grupos de venenos no absinthismo: 1.º um grupo epileptisante devido ao absintho, hyssopo e funcho; 2.º um grupo estupefaciente devido ao aniz, aniz da China, angelica, melissa e hortelã.

Na embriaguez alcoolica simples as hallucinações são raras, e na embriaguez devida ao absintho, são pelo contrario frequentes. O alcool para fazer nascer as hallucinações, tem necessidade de preparar o seu terreno, e o absintho produz immediatamente as perturbações sensoriaes.

Quando a dose d'absintho absorvida attingiu um certo limite, observam-se convulsões, mas, coisa singular, os tremulos musculares faltam muitas vezes; o absintho produziu o delirio e

as convulsões antes que o alcool tivesse tempo de produzir o seu effeito proprio.

Se os excessos d'absintho são continuados, n'um dado momento o doente é atacado de accessos epileptiformes d'uma grande violencia, raras vezes isolados, affectando muitas vezes a forma subintrante.

Em resumo, o doente que na sua origem era um alcoolico não predisposto, tornou-se um epileptico (epileptico absinthico). Ao lado d'este encontra-se um outro epileptico, o que é descendente d'um alcoolico e affectado d'uma nevrose congenital.

Effectivamente, o alcoolico é predisposto para produzir individuos affectados d'uma doença do grupo névropathico e em particular os epilepticos (Trousseau, Desforçes). Algumas vezes, a doença poupa os filhos e affecta os netos. Em todo o caso, esta epilepsia tem de particular o não apparecer senão n'uma época relativamente avançada da existencia; este epileptico é um degenerado. A nevrose produz-lhe no estado ordinario, ataques convulsivos, impulsões e delirio; quando o alcool intervem e produz embriaguez, o quadro clinico póde complicar-se d'um d'estes tres syndromas ou mesmo dos tres ao mesmo tempo. O abuso de bebidas alcoolicas augmenta o numero dos ataques d'epilepsia que, tambem, são raras vezes isolados. As impulsões pelas quaes a nevrose manifesta a sua influencia são conscientes ou inconscientes; sempre impulsões perigosas.

Quando a embriaguez desapareceu, o doente não tem lembrança alguma do passado, todavia, póde acontecer que a impulsão seja consciente e não seguida d'amnesia.

A epilepsia absinthica coincide, pois, muitas vezes com a epilepsia, nevrose nos hereditarios, estes dois agentes combinam a sua acção.

Perturbações intellectuaes. — Aparecem sob duas fórmas principaes :

Delirium tremens ou delirio alcoolico e loucura lypemaniaca, mas observam-se ainda outras perturbações que se fazem entrar ordinariamente nas fórmas precedentes e que demandam um estudo especial, citarei em particular a amnesia e a dysmenesia.

Delirium tremens.—Distinguem-se, com razão, dois estados: o *delirium tremens* simples e o *delirium tremens* febril.

Delirium tremens simples: Apezar de o estudarmos como consequencia do alcoolismo chronico, o *delirium tremens* occuparia um logar intermediario entre o alcoolismo agudo e o chronico. «É uma ponte lançada entre as duas phases da intoxicação» (Ball).

Este estado não é caracterisado unicamente por accessos de delirio convulsivo, é tambem acompanhado de perturbações dos órgãos dos sentidos; estes accidentes cuja intensidade é variavel, são d'uma duração mais ou menos longa e podem reproduzir-se maior ou menor numero de vezes.

Como a embriaguez, o delirio alcoolico é a

maior parte das vezes a consequencia d'um excesso passageiro d'alcool; todavia não apparece senão nos sujeitos que teem já soffrido uma impregnação profunda.

Este estado morbido não está sempre em relação com o grau de saturação d'alcool. Certos individuos com um systema nervoso resistente, nunca podem apresentar delirio, qualquer que seja a duração e gravidade da intoxicação, outros pelo contrario, podem delirar d'um modo muito precoce, em virtude d'uma susceptibilidade especial do cerebro, devido ordinariamente a predisposições hereditarias que n'este caso gosa uma influencia incontestavel.

Umas vezes o delirio é consecutivo a um excesso, outras vezes é provocado por causas multiplas: febre, traumatismo, e uma emoção qualquer.

Os quatro principaes caracteres do delirio alcoolico são os seguintes: nocturno, penoso, instavel e profissional.

Os accidentes do delirio alcoolico augmentam na obscuridade, manifestando-se a principio de noite e só mais tarde apparecem de dia. Este delirio n'um gráu attenuado póde chegar a desaparecer de dia.

Tem um caracter essencialmente penoso, provocando uma anciedade especial e muitas vezes um profundo terror.

As ideias delirantes e hallucinações são de uma instabilidade extraordinaria; são principalmente as occupações diarias do doente que

servem de alimento ás perturbações sensoriaes. O delirio alcoolico é um delirio triste e só muito excepcionalmente é que se torna alegre.

Este delirio é sempre d'acção. O doente perseguido pelas suas hallucinações objectiva-as e procura vingar-se dos seus inimigos imaginarios; póde n'estas condições tornar-se perigoso para si, para a familia e para a sociedade.

Todos os sentidos podem ser affectados, mas é no órgão da vista que se observam as manifestações mais sensiveis no periodo de delirio confirmado, e no periodo d'incubação, as perturbações do ouvido suplantam as da visão.

As perturbações dos órgãos dos sentidos seguem uma evolução crescente indo da desordem funccional á illusão e por ultimo á hallucinação. Na cura, a evolução decrescente faz-se em sentido inverso, isto é, as desordens que foram as ultimas que appareceram são as primeiras que desaparecem.

Accidentes do órgão da visão: primeiro nevoeiro cercando os objectos, depois faiscas, chammass e finalmente fantasmas e animaes fantasticos.

No órgão auditivo: ruido de sinos, vozes tumultuosas, finalmente injurias e accusações!

No órgão olfactivo: cheiro de enxofre e putrefacção.

No órgão gustativo: sabor desagradavel dos alimentos e das bebidas.

No seu notavel trabalho (*Heredité et alcoo-*

lisme), o doutor Legrain divide a questão em duas partes: uma primeira a que deu o nome de periodo de incubação do delirio alcoolico e uma segunda ou periodo de estadio em que o delirio alcoolico é confirmado e affecta certas fórmãs (triste e ambiciosa).

O periodo de incubação é muitas vezes pouco saliente, excepto na época proxima do delirio; compõe-se do conjuncto de phenomenos estudados precedentemente a que devemos acrescentar as perturbações da memoria.

Estudemos esta alteração da memoria. Durante a embriaguez observa-se uma amnesia parcial, que é de curta duração, mas quando o individuo tem chegado ao periodo de alcoolismo chronico, a amnesia torna-se geral. O pensamento esgota a substancia nervosa e as suas cellulas teem uma necessidade incessante de substancias nutritivas; se a nutrição cessa, a funcção cessa egualmente, sendo esta nutrição alterada na intoxicação alcoolica, o que explica a amnesia parcial ou geral.

No seu trabalho sobre a amnesia alcoolica, o dr. Babilée cita o caso de individuos que, tendo perdido a memoria de factos occorridos durante um accesso alcoolico, recordam-se d'elles no decurso de uma embriaguez posterior.

No alcoolismo chronico a depressão intellectual e a amnesia são muitas vezes os symptomas que primeiro se observam. A dysmenesia precede muitas vezes a amnesia; o doente tem uma vaga lembrança dos factos recentes, de-

pois vem a amnesia que, de ordinario, se estabelece progressivamente. É primeiro parcial, relativa aos nomes, ás datas, e em seguida vae augmentando cada vez mais.

Este periodo de incubação do delirio alcoolico é proporcional á predisposição do doente e ao numero de excessos.

Já vimos que o delirio alcoolico affecta a fôrma triste ou a fôrma ambiciosa. O predominio do character triste é o indicio proprio pathognomónico dos accidentes observados; outras vezes, ainda que poucas, vê-se affectar uma ideia ambiciosa, mas quer as ideias sejam tristes ou ambiciosas, são sobre tudo de uma mobilidade extrema.

Desde que o delirio é confirmado, o doente vive n'um mundo imaginario, não tem já intervallos lucidos e todos os sentidos são successivamente affectados; os quatro caracteres principaes do delirio alcoolico indicado precedentemente affirmam-se e exageram-se n'este momento.

Os signaes somaticos chegam ao seu maximum de intensidade: anorexia, sede viva, lingua saburrosa, etc.

Este delirio é acompanhado quasi sempre de um tremulo mais ou menos generalizado e de movimentos em harmonia com as sensações subjectivas do doente, muitas vezes com a perseguição dos animaes que procuram atacal-o ou que sobem por elle acima.

A gravidade do delirio alcoolico é variavel e

depende ao mesmo tempo da intensidade da intoxicação e da predisposição do doente.

Magnan, no seu tratado de alcoolismo, divide, sob este ponto de vista, os doentes em tres cathegorias: na primeira, classifica os doentes atacados de delirio, com convalescença benigna, rapida e completa; na segunda, são os doentes de convalescença lenta e recahida facil; na terceira, são os predispostos a recahidas frequentes e de convalescença muitas vezes embaraçada por ideias delirantes, affectando mais ou menos a fórma dos delirios parciaes.

O delirio alcoolico simples acompanha-se de tremulo (como já disse) mesmo na sua fórma mais simples; nos casos benignos é muito pouco pronunciado e não se percebe senão na occasião dos seus movimentos e actos. Se o tremulo é mais intenso, generalisa-se e torna-se sempre perceptivel mesmo no somno, constituindo então um symptoma predominante que attesta, por sua intensidade, um soffrimento excessivo da medulla. Estamos, n'este caso, em face do *delirium tremens*.

Delirium tremens febril.—N'um dado momento, um accesso de violencia extrema manifesta-se; o doente com os olhos espantados, uma agitação indiscriptivel, a face congestionada, offerece uma expressão horrorosa. Os musculos agitam-se d'um modo desordenado e a certos momentos são tomados d'um tremulo violento. Umas vezes a palavra é breve e interrompida constantemente, outras vezes o alcoo-

lico grita, vocifera, lucta contra seres imaginarios, procura fugir e quebra tudo o que apanha ás mãos. Algumas vezes a agitação é menor e o delirio é puramente cerebral, sem por isso ser mais calmo.

O alcoolico falla com uma verbosidade extraordinaria, umas vezes apresenta accessos de grande alegria e loucas risadas, outras conversa com pessoas ausentes. Mas, por maior que seja a sua exaltação o estado consciente não é nunca completamente abolido. Os movimentos são desordenados e sem precisão alguma, e durante o accesso a insomnia é completa. Este estado póde durar 2 ou 3 dias, algumas vezes mais. A sêde é viva, inappetencia completa, a lingua secca e vermelha, observam-se além d'isso regorgitações, vomitos biliosos, constipação ou evacuações involuntarias. A pelle é coberta de suor e o pulso é proporcional á agitação do doente.

No fim do accesso, o alcoolico cahe em um somno profundo; ao despertar não tem senão uma vaga lembrança do que se tem passado.

Este delirio é a maior parte das vezes d'uma grande gravidade; a crise póde terminar por demencia ou pela morte por congestão do sistema nervoso e por meningite aguda (Robin). Ha bastantes casos de cura, mas as recahidas são sempre muito frequentes.

O *delirium tremens* simples tem um prognostico geralmente pouco grave; no *delirium tremens* febril, as hallucinações offerecem os

mesmos caracteres de terror e mobilidade, mas os phenomenos physicos são muito mais graves. A face é franzida, as feições desfiguradas, os olhos injectados, o pulso saltante e acelerado e a temperatura muito augmentada.

No *delirium tremens* simples a temperatura não passa senão raras vezes de 38,5. Um outro signal d'uma grande importancia no qual se tem appoiado para dar o nome ao processo pathologico, é o tremulo.

No *delirium tremens* febril o tremulo é de natureza particular, e observando-se por toda a parte onde existe uma fibra muscular; no delirio toxico ordinario, só certos grupos musculares são atacados. Apesar do que acabamos de dizer, a differença entre o delirio alcoolico simples e o delirio alcoolico tremens febril é mal determinada.

Para Magnan só a temperatura forneceria os elementos do diagnostico; se o thermometro indica uma temperatura normal ou elevada d'uma maneira passageira, trata-se d'um *delirium tremens* simples; se é elevada d'uma maneira continua trata-se d'um *delirium tremens* febril.

Todavia estas duas formas de delirio não parecem bem distinctas senão pela participação maior ou menor do elemento motor.

Loucura lypemaniaca alcoolica.—Esta perturbação intellectual é principalmente caracterisada por hallucinações no aparelho visual, auditivo e tactil; estas hallucinações, geralmente

de natureza triste, terminam a maior parte das vezes no suicidio. É o typo melancolico, mas apesar da forma depressiva ser a mais frequente, comtudo a forma expansiva com ideias ambiciosas não é rara.

De ordinario as ideias ambiciosas são de curta duração; desaparecem com a excitação e ás ideias ambiciosas succedem muitas vezes ideias de perseguição.

A memoria e a attenção são muito diminuidas e o somno é perturbado por pezadelos e hallucinações.

Este estado dura algumas semanas, raras vezes muitos mezes, terminam por apasiguamentos progressivos mas incompletos; se os accessos se prolongam ou renovam, terminam na paralyisia geral ou na demencia. Mas devemos notar que se o estado nervoso que precede a paralyisia geral ou a demencia é curavel, a paralyisia geral e a demencia são pelo contrario estados contra os quaes a sciencia é impotente. Um decimo approximadamente dos doentes atacados de paralyisia geral são alcoolicos. N'este caso a paralyisia começa pelas extremidades, complica-se de debilidade muscular, e d'um tremulo mais pronunciado que na paralyisia geral ordinaria. O tremulo da lingua é tambem mais accentuado; finalmente na paralyisia geral commun, a insomnia e as hallucinações são excepçoes no principio. Mais tarde as *nuances* extinguem-se e a identidade dos dois estados é completa.

A demencia alcoolica é um estado morbido permanente e irremediavel, como já dissemos; é o desfecho das perturbações nervosas apresentadas pelo alcoolico inveterado, que continua bebendo apesar das admoestações dadas pelos accessos de delirio passageiro.

Em harmonia com as lesões profundas das cellulas nervosas e dos vasos do encephalo, a demencia alcoolica caracteriza-se clinicamente pelo enfraquecimento progressivo de todas as faculdades intellectuaes. A imaginação extingue-se; a memoria perde-se e a palavra embarça-se. A sensibilidade é obtusa; os movimentos incertos.

O alcoolico cabe depois em um estado permanente de estupidez, interrompido de tempos a tempos, por accessos de delirio passageiro, ou por uma excitação maniaca de pouca duração. Finalmente o alcoolico morre em plena demencia.

A explicação d'esta acção do alcool sobre o systema nervoso, não é realmente difficil. O alcool não é um veneno para os tecidos organicos? Nós já vimos que leza as vicerias, altera o sangue, endurece e engordura os órgãos, causa a obtusão intellectual, supprime a resistencia ás fadigas e ás privações, aggrava as feridas, prepara a mortalidade nas epidemias, envelhece prematuramente os individuos, embrutece a raça e aperfeiçoa a escravidão das nações... Para alterar assim todos os órgãos e perturbar todas as funcções, é preciso que o

alcool possua (se se pôde dizer assim) uma predilecção particular para estes tecidos mais delicados, menos resistentes, os dos centros nervosos. O alcool é o factor poderoso do suicidio, da loucura e da criminalidade. Os delictos pelo alcoolismo são extremamente frequentes. Não devemos crêr, todavia, que as impulsões sejam sempre, no alcoolico, criminaes e homicidas. Muitas vezes, tracta-se simplesmente d'uma exaltação dos sentidos, especialmente do sentido genesico. Uma estatistica allemã demonstra que sessenta por cento das violações e outros attentados ao pudôr são devidos ao alcool.

No seu *Tratado de medicina legal* Legrand du Saulle cita, a este proposito, uma historia muito curiosa: Pouco tempo depois do seu casamento, Pedro o Grande enviou á czarina uma mensagem com toda a urgencia. Um mensageiro chamado Villebois, foi incumbido de entregar a missiva á propria czarina. Estava muito frio; Villebois gostava de beber a sua pinga e quando chegou ao seu destino, estava completamente bebedo. A czarina estava no seu leito, e as suas damas retiraram-se na occasião em que entrava o mensageiro. Ao ver uma mulher joven e bella, a honra do esposo ausente não pôde ser illibada, apesar de accudirem immediatamente! Encerrado em uma masmorra, Villebois dormiu, e, quando Pedro, o Grande, mandado chamar a toda a pressa, quiz interrogal-o, dormia ainda; de nada se lembrava quando despertou.

CAPITULO IV

Da dipsomania

Dipsomania quer dizer em grego, loucura da sede.

«A dipsomania é uma tendencia irresistivel que obriga o homem a beber em excesso bebidas espirituosas» (Magnan). É um delirio parcial, intermittente, uma loucura impulsiva.

O character essencial do mal, é de se manifestar por paroxysmos; o individuo é pois sujeito a alternativas de depressão e de excitação; a sua loucura affecta a fórma especial, chamada *circular*.

A dipsomania é particularmente frequente na mulher, principalmente na occasião do seu periodo crítico. Este desejo imperioso d'alcool, este estado delirante e impulsivo, póde provir da hysteria e do alcoolismo ao mesmo tempo. A dipsomania é, na verdade, muito frequente, nos infelizes, descendentes dos alcoolicos. É

por isso tão frequente, na Inglaterra, o paraiso do gin! Ahi manifesta-se em todas as classes sociaes, e escolhe, algumas vezes, como victimas, as mulheres do grande mundo, naturezas as mais virtuosas e mais robustas, infelizes e irresponsaveis demonstrações das leis implacaveis da hereditariedade!

O accesso dipsomaniaco é d'ordinario precedido de prodromos: depressão melancolica, sentimento de desfallecimento, desanimo, anxiedade précordial, oppressão no epigastro, algumas vezes na garganta, perturbações da sensibilidade geral, sensação de queimadura no estomago, sêde intensa, finalmente desejo irresistivel de beber alguma coisa excitante.

O doente procura depois a solidão e occulta-se para beber, não para satisfazer a sua paixão mais á vontade, mas porque se envergonha de dar espectaculo. Todas as bebidas são boas para elle, contanto que sejam fortes; o absintho, o alcool, o ether, a agua de Colonia, o alcool camphorado e até o espirito de vinho em que se maceram peças anatomicas.

O doente bebe tudo indistinctamente, até ao extremo, por ultimo cae ebrio.

«Nada os detém, diz Magnan, necessitam a todo preço uma bebida alcoolica, não recuam deante de cousa alguma para a obter... Quando lhes falta o dinheiro para a comprar, recorrem aos meios os mais vergonhosos. O roubo, a prostituição e toda a classe de crimes são bons meios para obterem uma bebida excitante.»

É assim que se veem mães prostituir-se por alguns copos de whisky e venderem em seguida suas filhas, assim como o *Pall Mall Gazette* nos contou exemplos recentes.

Por outra parte, a consciencia vela, trava-se uma lucta desesperada, desde o principio, entre o doente e a sua impulsão, evita as occasiões de beber e procura desgostar-se das bebidas pelos meios os mais repugnantes.

Uma vez curado do seu accesso, o dipeomaniaco já não é um bebedor, goza da integridade das suas faculdades cerebraes, muitas vezes até professa um profundo desgosto pelas bebidas excitantes, e chega a horrorisar-se da sua conducta e deplora altamente as suas tendencias funestas; toma, chorando, as mais firmes resoluções de não sahir da sobriedade.

Mas as impulsões irresistiveis zombam da vontade.

O doente recahe, depois d'algumas semanas, ou alguns mezes, em uma nova crise. Magnan cita assim, entre outras observações curiosas, a historia d'uma dama do grande mundo, portando-se algumas vezes, como esposa verdadeira e digna d'estima, outras vezes, entregando-se a orgias as mais abjectas.

Devemos distinguir o dipsomaniaco do ebrio ou do alcoolico.

O ebrio bebe quando tem occasião; o alcoolico é alienado porque bebe; o diapsomaniaco, pelo contrario, bebe porque é alienado e só se embriaga quando lhe sobrevem o accesso.

O ebrio gosta de beber e não se esconde, ao passo que o dipsomaniaco bebe mesmo contra a sua vontade. O alcoolico é um vicioso, o dipsomaniaco é um louco, um doente, que muitas vezes recorre ao suicidio para se vêr livre d'este mal.

Finalmente, o alcoolismo tem uma marcha continua; ao passo que a dipsomania é uma doença essencialmente intermittente, periodica.

Em resumo, o dipsomaniaco é um ser á parte, tendo um estado mental caracteristico, é um doente affectado d'uma predisposição hereditaria e impulsiva podendo a dipsomania sobrevir com prodromo da alienação mental confirmada.

CAPITULO V

Remedios para o mal

O prognostico do alcoolismo varia segundo as circumstancias; se a intoxicação não passa do estado agudo, o prognostico é muito favoravel, mas se pelo contrario a intoxicação se tornou chronica então surgem lesões incuraveis (cirrhose, steatose hepatica, affecções renaes e cerebraes). A duração da existencia encontra-se reduzida e além das doenças devidas ao alcool vê-se um grande numero d'alcoolicos succumbirem ao suicidio e ás doenças devidas á impressão do frio. Os alienados, uma quinta parte approximadamente, devem este estado funesto ao alcool. Finalmente, o alcool diminue a resistencia organica do individuo e colloca-o em estado de receptividade d'um certo numero de doenças e de falta de resistencia a outros.

No alcoolico os phlegmasias são complicadas de accidentes ataxicos e adynamicos, a

convalescença é difficil e não se estabelece francamente. Os traumatismos são d'uma cura lenta e muitas vezes viciosa.

A miseria, a idade, as profissões sedentárias, a fadiga physica e intellectual aggravam ainda a situação.

Mas uma das mais graves consequencias d'este horroroso estado morbido é o reflectir-se na descendencia.

O filho d'um pae affectado d'alcoolismo, mesmo do agudo, tem grandes presumpções de ser affectado de idiotia e epilepsia.

Os gregos, prohibindo o uso do vinho no dia do casamento, tinham, sem duvida, em vista a protecção da raça.

Em summa, podemos dizer que o alcoolismo é uma das principaes causas da depravação e decadencia das nações.

Prophylaxia. — Em todos os tempos, os povos, considerando a embriaguez como um vicio e um flagello, dictaram penas contra o alcoolismo.

Entre os judeus (raça notavel pela sua sobriedade) o propheta Daniel mostra quanto a embriaguez excita a colera de Jehovah.

Em Athenas, Solon puniu de morte a Archonte ebrio.

Em Sparta, Lycurgo, vinte e um seculos antes do phylloxera, fez arrancar as vinhas do seu paiz; um artigo evidentemente mais esclarecido da sua legislação interdiz aos esposos (por uma admiravel presciencia dos phenome

nos da hereditariedade), todas as bebidas, excepto a agua, no dia da cohabitação marital.

Em Mytilene, Pittacus dobra as penas dos que commettem um crime ou um delicto sob a influencia da embriaguez.

Na Roma republicana, o vinho é interdicto, antes da idade de trinta annos, tanto aos homens como ás mulheres.

Mahomet interdiz o vinho aos fieis do Al-korão.

Francisco I promulgou, em 1536, a lei seguinte: «Qualquer que fôr encontrado ebrio será constituido prisioneiro e tratado a pão e agua pela primeira vez; a segunda será açoitado com varas; e a terceira fustigado completamente; e se fôr incorrigivel, será punido de amputação de um dedo, nota de infame e bandido.»

Na Russia todo o individuo encontrado ebrio nas ruas ou estradas publicas é encarcerado e condemnado a varrer as ruas da cidade. Não é raro vêr assim, em S. Petersbourg, pessoas muito bem collocadas que a lei transformou em varredores!

Na America, em alguns povos, são lançadas multas consideraveis aos taberneiros em cuja taberna fôr encontrado algum individuo embriagado.

Em todo o caso estas leis, que tendem a reprimir o abuso das bebidas alcoolicas, não são efficazes, visto que, de ordinario, são mal applicadas e não teem servido senão para au-

gumentar o arsenal das penalidades contra o pobre, quando o legislador devia antes reservar as suas severidades contra as classes dirigentes que devem dar o bom exemplo! Além d'isso, estas leis são pouco praticas na sociedade democratica, porque o povo diria com razão que ellas são dirigidas contra elle só, e que os ricos, com as suas garrafeiras de vinhos finos a altas protecções, querem arrancar-lhes a aguardente, seu unico prazer e alegria.

Não fallarei das sociedades de temperança que abundam em Inglaterra e em cuja efficacia não creio. Os adherentes são, para a maior parte das pessoas, susceptiveis de intemperança; é, pois, um esforço theorico quasi sem effeito.

Deve-se á iniciativa d'America, de Inglaterra e da Suissa a fundação de casas de consumo onde é banido o alcool; o consumidor ali encontra bebidas de todas as qualidades, taes como limonadas, chocolate, chá e especialmente café.

O café de boa qualidade, pela sua acção estimulante, maravilhosa sobre o cerebro, é, ao mesmo tempo, um antidoto physiologico e social do alcool (dr. Poore).

No Rio de Janeiro, cidade de 500:000 almas, o alcoolismo, esse flagello dos climas torridos, é quasi desconhecido, devido isso ao consumo de café n'este paiz.

Tem-se criado tambem na America asylos destinados só aos alcoolicos (*Inebriate houses*)

não como meio preservativo mas como meio curativo. Esta ideia feliz d'um asylo, intermediario entre a prisão e a casa de saude, prestou a este paiz relevantes serviços. São, ao mesmo tempo, asylos e casas de repouso e de refugio e exemplo magnifico para os debutantes onde pôdem contemplar os tristes effeitos dos excessos alcoolicos.

Não fallarei senão como curiosidade, do methodo do dr. Schrisber applicado na Suecia: consiste em isolar o bebedor e misturar-lhes em todos os alimentos uma certa quantidade d'alcool.

Tinha por fim annullar o alcoolismo pela aversão; este methodo fez mais victimas do que bons serviços.

É inutil' dizer que todos os methodos expostos são pouco praticos e difficilmente applicaveis.

Na minha humilde opinião, parece-me que a primeira medida a tomar seria tornar bem conhecidas, por todos os meios, as funestas consequencias do alcool para o individuo e para a sua descendencia. Os meios principaes de propaganda seriam as escolas, devendo este assumpto fazer parte obrigatoria da instrucção popular.

As escolas deviam ser os melhores focos de propaganda anti-alcoolica, fazendo parte dos exercicios de leitura, escripta e prelecções dos mestres os horrorosos effeitos do abuso do alcool, e ainda organisando excursões escolares

às prisões e depósitos de mendicidade. Estes exemplos gravar-se-hiam sempre no cerebro da criança, apto a receber todas as vibrações.

A egreja devia tomar tambem, até certo ponto, a seu cargo esta propaganda; assim os padres tomariam para assumpto das suas prédicas os principios de temperança.

A segunda medida seria diminuir o numero das tabernas, obrigar-as a fechar a uma hora determinada, impôr multas aos taberneiros que fornecessem aos consumidores bebidas até manifestarem signaes de embriaguez e prohibir que aos domingos e dias santificados as tabernas estivessem abertas de tarde, porque são os logares e horas em que o operario vae consumir todo o salario d'uma semana de trabalho com grave prejuizo da sua saude e do bem estar da familia.

Como na Suecia, o taberneiro devia ser obrigado a servir de comer a quem pedisse de beber.

Finalmente, devia ser punida a venda de bebidas alcoolicas a crianças.

A terceira medida, talvez a mais importante, compete ás classes dirigentes, que deviam empregar todos os meios para baixarem os impostos aos alimentos e melhorar quanto possivel a nutrição do povo.

Então, diz Michel Levy, «O operario sentiria menos a necessidade das estimulações irregulares que procura nas tabernas».

O obreiro é dominado pelos seus habitos,

não se importando com o dia de amanhã tem uma grande fraqueza de vontade. Arrastado pela má educação do seu meio e pela promiscuidade da officina, obedece, facilmente, ao estúpido amor proprio de seguir os seus camaradas á taberna. Alem d'isso, tendo poucos recursos para uma alimentação sufficiente para um trabalho consideravel a produzir, a aguardente torna-se um agente *d'épargne* quasi indispensavel. Não se deve tratar simplesmente de desenvolver no operario a instrucção, a educação e a moral; é preciso baixar os impostos de consumo que pezam principalmente sobre os generos indispensaveis ás classes trabalhadoras, em especial no pão, carne e todos os generos de primeira necessidade. Então talvez podesse pôr fim á funesta paixão do alcool. A origem d'esta paixão encontra-se, com effeito, muitas vezes (é a physiologia que falla) em uma necessidade mais ou menos consciente do organismo, necessidade contra a qual as ideias de dever e de abnegação vão fatalmente quebrar-se.

Nós queremos apenas combater por estes meios o abuso do alcool simplesmente, e não o uso moderado.

Não pugnamos pela abstinencia completa do alcool, preconizada por alguns intransigentes de boa fé, taes como Deysdale, cujo furôr de abstenção chega até a negar a utilidade e a acção do alcool em medicina. O homem contemporaneo, procurará sempre a agradável ex-

citação produzida pelas bebidas fermentadas. Como muito bem diz Boens: «a agua pura, só, sem condimentos, sem aroma, não corresponde ás necessidades da existencia humana. N'esta lampada que se consome tão vivamente cada dia, é preciso essencias especiaes. A este estomago, que não póde deixar de fornecer, constantemente, tantos materiaes bem elaborados, são precisos tonicos particulares».

O que importa pois combater é apenas o abuso das bebidas espirituosas.

Tratamento do alcoolismo agudo.—Resume-se geralmente no seguinte:

Se o estomago conserva ainda liquidos espirituosos, devemos provocar logo o vomito; a ipeca é utilmente empregada. Aconselhar-se-ha em seguida o repouso horisontal, a cabeça ligeiramente levantada e o corpo sufficientemente coberto. Em caso de torpôr, o chá, café, as fricções estimulantes, sinapismos, serão de toda a vantagem. Os sinapismos, passeados sobre a pelle, auxiliarão a eliminação do veneno pelo tegumento externo. Um clister d'agua salgada restabelecerá o funcionamento intestinal, excitando as contracções do tubo digestivo e expulsando assim o alcool ainda não absorvido. Se a embriaguez se acompanhar de angustia respiratoria e de palpitações, friccionar-se-ha o doente com uma mistura de tintura de digital e tintura d'opio ammoniaco. Embebe-se d'esta mistura um pincel de flanela e fricciona-se vagarosamente o peito (Monin).

Os clisteres de café juntos ás fricções e massagens teem suspendido estados de collapso que podiam ser mortaes.

Tratamento do alcoolismo chronico. — Limitar-nos-hemos a indicar summariamente as linhas geraes de tratamento, que devem dirigir o pratico em face d'um alcoolico, pois que para desenvolver a therapeutica do alcoolismo, seria preciso um volume.

A primeira indicação consiste em suprimir por completo o vicio de bebidas alcoolicas para não augmentar as lesões dos tecidos e facilitar a reparação dos desastres adquiridos. Em seguida é preciso levantar, exaltar a nutrição, pela dieta lactea, aguas mineraes digestivas, e estação no campo. Como medicamento os tónicos.

A hydroterapia, cuja acção descongestiona e repara os tecidos doentes presta relevantes serviços aos alcoolicos hallucinados e delirantes.

Os amargos (colombo, quassia), os laxantes (rhuibarbo, calomelamos), os nevrosthénicos (asa-fetida, brometos), os estimulantes diffusíveis (camphora, ether) são bons palliativos n'esta doença e capazes de lutar contra certos accidentes com vantagens reaes. A tintura thebaica, que os centros nervosos d'estes doentes toleram maravilhosamente, é um palliativo tambem das lesões produzidas pelo alcool.

Merece-nos mais confiança a medicação pela strychnina, eminentemente estimulante do sys-

tema cerebro-espinal e verdadeiro antagonista physiologico dos symptomas.

Monin da sua longa experiencia de dez annos concluiu que a estrychnina era um maravilhoso antidoto do alcool, quando as lesões não são ainda muito avançadas. Podem dar-se dózes colossaes de estrychnina, sem accidentes, (Leuton, Lardier). Ora, ha uma lei therapeutica que diz que a tolerancia do organismo para um medicamento é a prova que este medicamento é indicado. Além d'isso, o estrychnismo trata-se vantajosamente pelo alcool.

Devemos antes associar a estrychnina á medicação opiacea ; assim devemos recorrer á noz vomica e á fava de Santo Ignacio.

No caso de *delirium tremens* simples, sem febre nem complicações, não ha, por assim dizer, nada a fazer, e a medicação deve, sobre tudo, ter por fim impedir que os accessos se reproduzam. Esta fôrma, sendo muitas vezes acompanhada de embarço gastrico, devemos recorrer aos purgantes algumas vezes e mais raramente aos vomitorios. Em geral, o repouso e as bebidas amargas são a ultima palavra do tratamento.

No *delirium tremens* febril deve-se proteger o doente, favorecer a eliminação do veneno, sustentar e levantar as forças.

É preciso deixar ao doente o jogo livre das suas funções e principalmente da sua respiração; por consequencia o uso da camisola de forças deve ser condemnado. Se o doente está

violento e agitado deve collocar-se em uma camara de paredes estofadas, bem arejada no estio e convenientemente quente no inverno. O doente estará á vontade, os movimentos que executará, facilitando a respiração, provocarão uma transpiração mais ou menos abundante, que auxiliará a expulsão do veneno. As bebidas ligeiramente diureticas e aperitivas que, acalmando a sede, auxiliam a eliminação do veneno estão tambem indicadas. Estes cuidados collocam o doente n'uma situação mais favoravel de restabelecimento.

Mas á agitação extrema do principio succede o collapso; para obstar ao esgotamento do doente, que póde tornar-se para a sua existencia um grave perigo, é preciso procurar levantar as suas forças o mais rapidamente possível. Para isso ministram-se caldos, vinho, alimentos muito substanciaes em um pequeno volume, taes como: ovos e pó de carne, podendo-se egualmente recorrer ao extracto de quina na dose de uma a quatro grammas.

No intervallo dos accessos, o tratamento é antes uma questão de hygiene na qual o bom ar, a boa alimentação e a hydroterapia desempenham um papel importante. Mas antes de tudo é necessario affastar as causas do mal, e em seguida fazer-se uso de tal remedio contra tal accidente. A noz vomica, como já disse, é de toda a vantagem, porque tem uma dupla acção sobre o systema nervoso que fortifica e sobre a digestão que accelera.

O iodeto de potassio na dose de 1 a 3 grammas por dia póde ser util, sobretudo nos casos em que ha tendencia para a paralysis geral.

Para curar as paralysias alcoolicas, as injectões de morphina, as douches, exercicio, massagens, e a electricidade estatica são meios que devemos empregar; dão resultado em parte simplesmente, porque ha, n'estes casos, lesões nervosas profundas.

Contra as caimbras e hallucinações emprega-se o opio, paraldehyde ou a poção seguinte: (Monin)

Xarope de flôres de laranjeira.	200 gr.
Agua de louro cereja.....	15 gr.
Tintura de coca.....	20 gr.
Brometo d'amonio.....	10 gr.
M. S. A.	
Para dar ás colheres.	

Contra a dyspepsia ectasica e flatulenta dos bebedores deve-se empregar o pó seguinte:

Cré preparada	60 gr.
Pó de baunilha	30 gr.
» d'anis da China.....	20 gr.
» de cascarilha.....	10 gr.
» de magnesia	5 gr.
» de favas de Santo Ignacio..	10 gr.
M. S. A.	

Uma colher de chá antes das refeições.

Se ha gastralgia, dá bom resultado antes de cada refeição uma ou duas pilulas seguintes:

Extracto de quina.....	}	ãã 4 gr.
» de rhuibarbo.....		
» de valeriana.....		
» de nóz vomica.....		
Pó de Dower.....		6 gr.
M. S. A. para 35 pilulas.		

Contra os accidentes hepaticos no principio, empregam-se os calomelanos.

A cirrhose alcoolica é curavel, no principio pelo regimen lacteo exclusivo, iodeto de sodio em pequenas doses, aguas alcalinas, vesicatórios muitas vezes repetidos, infusão de rhuibarbo e de cãrdamomo (4 grammas de cada para 300 d'agua). Se ha ascite, a punccão deve ser feita, excepto nos casos de cachexia evidente.

Terminando, não devemos esquecer, que a base de toda a therapeutica, n'um alcoolico consiste na *sobriedade*: «A força da alma, como a do corpo, diz Marmontel, reside na temperança».

PROPOSIÇÕES

Anatomia.—Nos musculos intercostaes internos e externos a disposição das suas fibras está em harmonia com a sua função inspiradora.

Physiologia.—Ao abuso do alcool corresponde uma diminuição da vitalidade dos tecidos.

Materia medica.—A antypirina é um antilactagogo por excellencia.

Anatomia pathologica.—As lesões atheromatosas dos vasos podem ser devidas ao alcool.

Pathologia geral.—O alcoolico é um diathesico.

Pathologia interna.—A dilatação do estomago póde ser uma das causas da cirrhose atrophica do figado.

Pathologia externa.—A arthrite purulenta póde ser devida ao pneumococus de Frankel.

Operações.—O processo de Bergmann deve ser preferido nos casos de cura radical do hydrocele.

Hygiene.—Os cordões sanitarios são destituídos de valor como meio prophylatico.

Partos.—Nas grandes hemorragias *post partum* devemos recorrer, sempre que seja possível, á compressão intra-uterina.

Visto.
A. Brandão.
Presidente.

Póde imprimir-se.
Visconde d'Oliveira.
Conselheiro-director.